

REVISTA

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

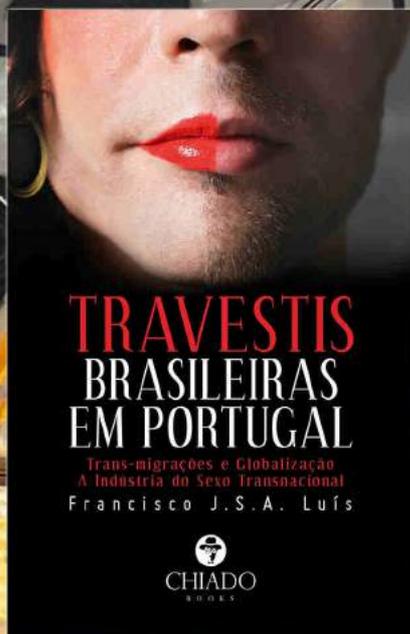
conexão Literatura

Dezembro / 2018

nº 42

www.revistaconexaoliteratura.com.br

**NESSA EDIÇÃO:
RESULTADO DO CONCURSO
CULTURAL "OS DOIS MELHORES
CONTOS - 2018"**



**PERCURSOS, IDENTIDADES
E AMBIGUIDADES**

FRANCISCO J.S.A LUÍS

AUTOR DO LIVRO TRAVESTIS BRASILEIRAS EM PORTUGAL

**FEITA POR LEITORES
PARA LEITORES**



SUMÁRIO

Editorial: por Ademir Pascale, pág. 03
Parceiros da Revista Conexão Literatura, pág. 04
Entrevista com Francisco JSA Luís, por Ademir Pascale, pág. 05
Resenha: A Maldição da Residência Hill (Netflix - Série), por Rafael Botter, pág. 14
Livraria Conexão Literatura (Sugestões de livros), págs. 17 e 18
Resultado do concurso cultural "Os dois melhores contos", pág. 19
Entrevista com a vencedora do concurso de contos Kátia Simões Parente, pág. 21
Conto "O café com leite", um dos vencedores do concurso de contos, pág. 25
Entrevista com a vencedora do concurso de contos Adriana Igrejas, pág. 29
Conto "A mulher e o canário", um dos vencedores do concurso de contos, pág. 34
Círculos de Leitura - A Arte do Encontro, pág. 38
Entrevista com a autora Sheila Mendonça, pág. 41
Entrevista com o autor Ricardo Varriano, pág. 45
Entrevista com o autor Helder Felix, pág. 50
Entrevista com o autor Harley wanzeller, pág. 55
Conto: "Natal Especial", por Míriam Santiago, pág. 60
Conto: "Despertar no Planeta Vermelho", por Roberto Schima, pág. 63
Saiba como participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 95

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com

COLABORAM NESTA EDIÇÃO

Rafael Botter - Colunista/Colaborador - (pág. 14)

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA
www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:
www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Capa: Foto - Arquivo pessoal de José M. S. Freire. Arte: Ademir Pascale

Patrocinam esta edição:
Francisco JSA Luís - Míriam Santiago - Roberto Schima - Drago Editorial

Para saber como anunciar, divulgar o seu livro ou editora, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Para entrar em contato: ademirpascale@gmail.com
c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

EDITORIAL



Dezembro finalmente chegou. Publicamos muitas matérias e entrevistas esse ano, foram 12 edições com informações sobre literatura e o mercado editorial. Acreditamos e temos esperança que 2019 seja ainda melhor para todos nós ;)

E nessa edição nº 42, destacamos o autor português Francisco J.S.A. Luís, que fez uma longa pesquisa e publicou a obra *Travestis Brasileiras em Portugal*. O leitor poderá saber tudo sobre esse livro na entrevista exclusiva que fizemos com o Francisco. Confira nas próximas páginas. Também anunciamos o resultado do concurso “Os dois melhores contos”, conheça os vencedores. Matérias, contos, entrevistas e muito mais aguardam por você.

Nós da Revista Conexão Literatura desejamos um Feliz Natal e um Próspero Ano Novo aos nossos leitores ;)

Para divulgar o seu livro ou anunciar em nosso site e próxima edição, acesse:
www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html



Ademir Pascale

Editor da Revista Conexão Literatura. Membro Efetivo da Academia de Letras José de Alencar. Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Já publicou contos no Brasil, França, Portugal e México. Autor dos romances “O Desejo de Lilith”, “Caçadores de Demônios” e “Crossroads – Quando os destinos se cruzam”. Publicará em breve um livro inspirado em Edgar Allan Poe. Fã nº 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas, heróis da Marvel, DC e HQs. E-mail: ademirpascale@gmail.com



conexaoliteratura
clique aqui

conexão Literatura



Nossos Parceiros:

www.livrodestaque.com.br

www.dragoeditorial.com

travelingbetweenpages.blogspot.com.br

dose-of-poetry.blogspot.com.br

dailyofbooks.blogspot.com.br

suka-p.blogspot.com.br

www.divulgalivros.org

tomoliterario.blogspot.com.br

www.bookstimebrasil.com.br

www.sugestoesdelivros.com

deusa1000.wixsite.com/leituracomcafe

www.encantoliterario.com.br

www.livreando.com.br

coleccionandoromances.blogspot.com.br

ateaultimapagina.wordpress.com

literaleitura2013.blogspot.com

www.literagindo.com.br

www.estantedowilson.com.br

miriammorganuns.blogspot.com.br

esoponovagao.blogspot.com.br

www.salaliteraria.com.br

www.cafeinaliteraria.com.br

www.sonhandoatravesdepalavras.com.br

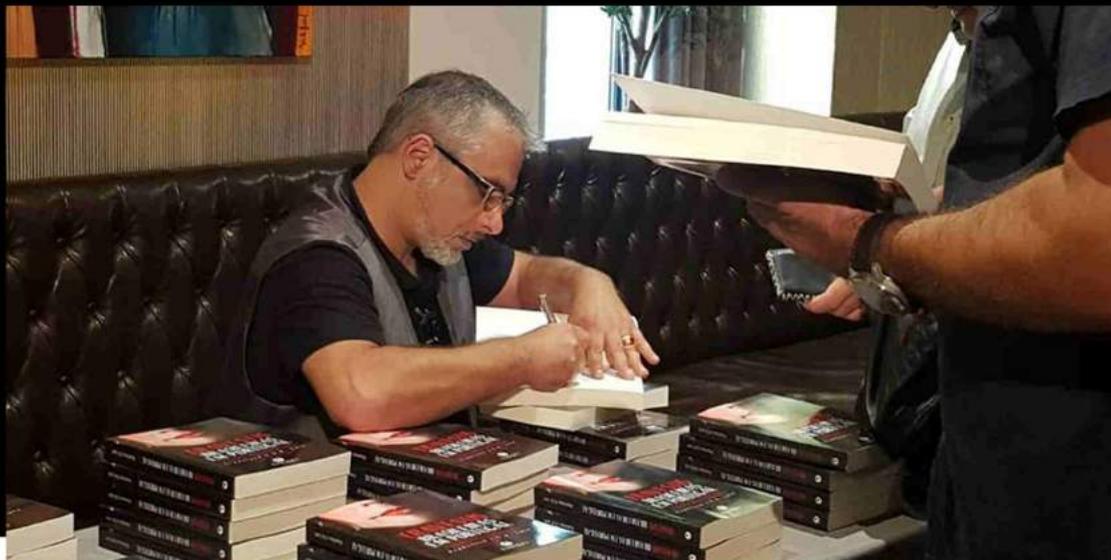
viajandonossoslivross.blogspot.com.br

Curta nossa Fanpage: 

www.facebook.com/conexaoliteratura

FRANCISCO J.S.A LUÍS

**Autor do livro
"Travestis
Brasileiras em
Portugal"**



**Por Ademir Pascale
ademirpascale@gmail.com**

Francisco JSA Luís foi investigador colaborador do centro em Rede de Investigação em Antropologia, é Doutorado em Antropologia Social e Cultural – Migrações e Etnicidades – e Mestre em Direito Administrativo e Administração Pública. Os seus principais interesses incidem sobre as periferias sociais e na necessidade de através do conhecimento, se promoverem sociedades inclusivas onde os mais fragilizados em termos de cidadania e correspondentes direitos humanos, possam emergir perante os demais, como sujeitos e atores sociais com a dignidade que merecem. Sem que tal se atinja, as democracias serão mera fachada. Daí que assistamos na contemporaneidade e mais do que queríamos, a derivas nacionalistas assentes numa ideologia da exclusão e punição daqueles a quem se decreta o “não lugar social”. Para tal, o terreno eleito pelo autor, são as ruas e as vielas da vida, onde os pormenores da negação, se revelam os pormenores da exclusão. Os atuais movimentos migratórios de refugiados, de migrantes económicos, climatéricos ou de asilados políticos, refletem um mundo em intensa convulsão social e económica, que contraria o ideal de igualdade que deve guiar a humanidade, quanto mais não seja, enquanto princípio filosófico e ideológico.

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Travestis Brasileiras em Portugal” (Chiado Editora). O que o motivou a escrever o livro?

Francisco J.S.A Luís: No meu trajeto acadêmico e na área em que me doutorei, necessitava de um desafio, desafio esse que só poderia enfrentar, se eu próprio confrontasse os meus preconceitos, ou seja, as minhas fronteiras interiores. Preconceitos esses, que quase todos nós proclamamos não exercer sobre ninguém, simplesmente porque, vivemos as nossas vidas em zonas de controlo e conforto. Porém, isso não sucede com todos. Foi precisamente isso que fiz, saí da minha zona de conforto e empreendi uma reflexividade crítica sobre a minha própria socialização, como forma de entender o “outro” diferente. Neste caso as Travestis Brasileiras em contexto de prostituição. Se era para fazer uma tese de doutoramento, então, teria que ser algo de original em Portugal, onde este tema nunca havia sido abordado, não obstante, haverem inúmeros trabalhos sobre os fluxos de

Brasileiros para Portugal, antes e depois de Schengen. Ultimamente, tudo indica estarmos perante um novo fluxo de brasileiros para Portugal. Paralelamente, achei interessante desconstruir os fundamentos da divisão política dos sexos que se traduz em géneros aceites e expressados no palco social.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir “Travestis Brasileiras em Portugal”?

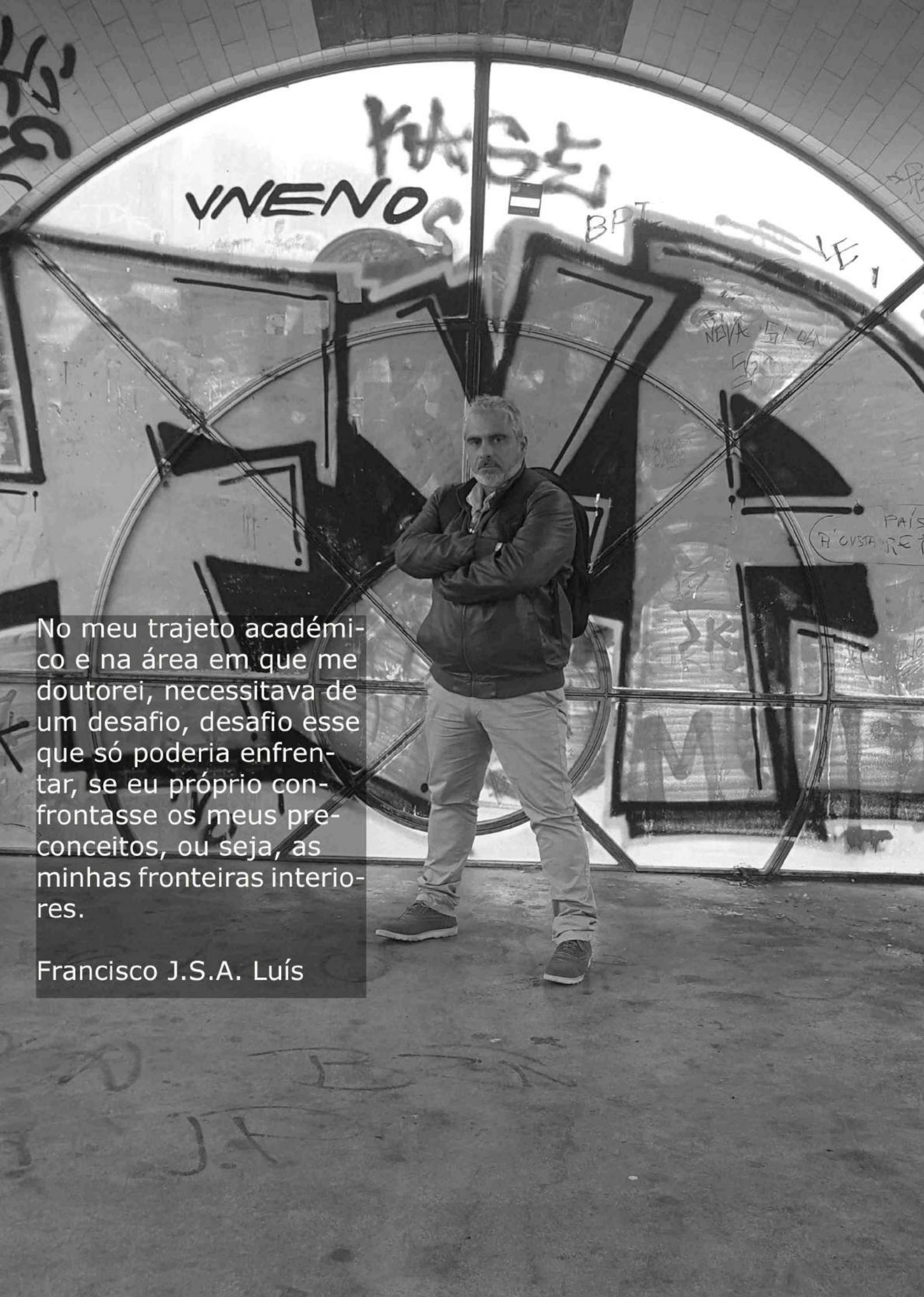
Francisco J.S.A Luís: Não é fácil adentrar no universo travesti e de prostituição, pelo que, consegui-lo, terá sido sem dúvida o mais difícil e moroso numa fase inicial. Paralelamente, cá em Portugal, com a obsessão com a redução dos défices, a ciência tem passado por algumas dificuldades, principalmente aquelas que não geram ganhos imediatos e potencial ímpeto consumista. Sinais dos tempos, em que o ser humano pode ou não ser viável em função dos números e das estatísticas sobre eles elaborados. Faz-me imensa

confusão este sistema mundo, em que há vidas às quais não se atribui qualquer valor, por exemplo, os migrantes de parques recursos e os transgéneros. O estudo cruzado destas duas dimensões da fragilização ativa de franjas sociais periféricas – migração de género e geográfica - tornou-se para mim um objetivo a atingir. Este trabalho durou cerca de 10 anos e ultrapassou o hiato de tempo necessário à realização do doutoramento e é com desapontamento, que verifico que num contexto global se assiste ao regresso de velhos nacionalismos e discriminações.

Conexão Literatura: Você chegou a sofrer algum preconceito ou dificuldade durante a produção do livro?

Francisco J.S.A Luís: Durante a execução do livro, tive que ultrapassar – principalmente numa fase inicial - o fechamento do grupo travesti - composto na sua maioria por gente indocumentada – facto, que achei normal, não o sentindo de forma pejorativa. É um mecanismo de resistência dum grupo, que inquestionavelmente navega em águas especialmente revoltas e conturbadas. Para ser

sincero, sinto mais essa discriminação na relação que a generalidade das pessoas mantêm com o livro, através, por exemplo, do contato inicial com o seu título: *Travestis Brasileiras em Portugal*. Da mesma forma que a generalidade dos atores sociais, desinveste este e outros grupos da dignidade que merecem, deslocam essa sua representação dum determinada realidade para o livro, que até agora tem chamado à atenção, essencialmente, dos meios académicos, e não de pessoas comuns interessadas em aprofundar o seu conhecimento sobre as sociedades contemporâneas, mais complexas onde elas próprias se debatem com inúmeros problemas. No fundo o livro acaba por acolher, todas as tensões sociais que pretende retratar, bem como os seus fundamentos ideológicos, políticos e sociais. Chamo à atenção para o facto de o processo através do qual o preconceito se exerce e faz sentir os seus efeitos, ser similar, independentemente do seu objeto. Este livro aborda igualmente a família conforme a conhecemos, o parentesco, o feminismo, o patriarcalismo, ou



No meu trajeto acadêmico e na área em que me doutorei, necessitava de um desafio, desafio esse que só poderia enfrentar, se eu próprio confrontasse os meus preconceitos, ou seja, as minhas fronteiras interiores.

Francisco J.S.A. Luís

seja, uma sociedade em que as relações de poder são assimétricas, enfim, tudo o que torna os humanos, humanos ou por vezes, mais do que o desejável, inumanos. Não raras vezes, são estes grupos periféricos e com uma cidadania coartada, o objeto principal dessa crueldade, talvez porque, a própria estrutura, permita - ainda que de forma velada - que tal suceda. Veja-se o caso dos refugiados na Europa, provenientes de África, Ásia e Oriente, os Venezuelanos no Brasil ou a caravana de hondurenhos que têm chegado aos EUA. É comum, nomeadamente nas redes sociais a produção de um discurso de exclusão e demonização desses indivíduos, conotando-os com criminalidade, sonogação dos empregos dos nacionais e, ultimamente como grupos invasores.

Ser Travesti Brasileira e migrante não foge a estes princípios, com uma agravante, a de serem também transgéneros e portanto, ainda mais hierarquizadas de forma descendente.

Conexão Literatura: Poderia destacar um ou dois trechos do seu livro?

Francisco J.S.A Luís: Como introito a esta questão, refiro que, a partir da expressão de género travesti, desconstruo e mapeio os alicerces duma sociedade machista, misógena, androcêntrica que, atua essencialmente através da violência.

“Nesse enquadramento, Rubin propunha que talvez esses movimentos feministas seus contemporâneos devessem ousar algo mais, como Marx fizera ao estabelecer a luta de classes como um meio para atingir uma sociedade sem classes. Talvez devessem utilizar o conhecimento que haviam já adquirido relativamente às operações de poder e processos que estruturam e mecanizam a divisão de géneros, e ousar reclamar uma sociedade sem géneros. “Nós não somos apenas oprimidas enquanto mulheres, nós somos oprimidas por ter que ser mulheres, ou homens, conforme os casos. (...) Devo sonhar com a eliminação das sexualidades e seus papéis sexuais compulsórios.” (Rubin 1975 in Lewin, 2006:102)

“O momento da saída de casa, acrescido também pela ruptura com a escola e alguma

vizinhança, relega estes jovens para a rua onde irão ser iniciados num ethos travesti que ultrapassa a questão do género/sexualidade e se converte num estilo de vida determinado pelas possibilidades que se lhes deparam a partir desse momento. “Saem cedo de casa, em torno dos 14 anos, e geralmente iniciam uma vida noturna sustentando se através da prostituição” (Pelúcio, 2005:235). Larissa afirma sem rodeios nunca ter exercido qualquer outra profissão, “é assim, eu não preciso esconder de ninguém, sou uma pessoa independente! Sempre trabalhei com prostituição e no início comecei no Brasil.”

Demonstra-se que em diferentes contextos, diferentes equações; pelo que ser travesti brasileira está longe de significar criminalidade. O que as pessoas desejam é acesso a projetos de cidadania plena. Assim e apesar de tudo, iniciada quando ainda são adolescentes, a viagem de género parece tornar-se menos tumultuada pela mobilidade geográfica. Todavia, há dilemas que durarão para sempre: “A todas entristece...claro...você vai chegando a uma certa idade que a solidão aperta...a solidão

afecta a “gente”, a solidão...nós somos seres humanos...nós temos coração, nós...nós gostamos das pessoas, nós temos sentimentos, nós somos uma pessoa normal como qualquer uma outra. Não somos diferentes de ninguém, então quer dizer...chega a uma certa altura da nossa vida que a solidão chega e aperta...e quando aperta...olha...é triste, a “gente” sofre, chora e...mas não pode fazer nada! É uma viagem sem volta, é o que a “gente” tem de pagar pela mudança que a “gente” fez e o que podemos tirar disso é seguir a vida para a frente e tentar tirar proveito disso.” (Adriana)

Conexão Literatura: Para quem você indicaria a leitura de “Travestis Brasileiras em Portugal”?

Francisco J.S.A Luís: Há uma frase de Simone de Beauvoir, na qual se afirma que, “a mulher não nasce mulher, torna-se mulher”. Da mesma forma, podemos afirmar que o homem não nasce homem, torna-se e produz-se socialmente como homem. Este “tornar-se” reflete um processo de construção social que respalda uma determinada estrutura de poder

e um ecossistema sócio-político concreto. Entendermos esse facto, permite-nos perceber a sociedade de que fazemos parte e afirmar uma palavra de esperança no futuro, com base no relativismo cultural em que devem assentar as abordagens socioantropológicas. Nem sempre foi assim, os sistemas socio-culturais são dinâmicos/fluídos e isso é-nos ensinado pela História. O atual sistema constitui-se como a base de variadas instituições, papéis ou factos, veja-se a maternidade, o casamento, o parentesco ou o facto de ser um dado adquirido que as mulheres têm condições de acesso diferenciadas ao mercado de trabalho, assim como, auferem em regra menos rendimentos que os homens. O curioso é que podemos perceber melhor tudo isto, a partir da análise da expressão de género das travestis Brasileiras, para mim, um constructo social e cultural específico da realidade brasileira. Como tal, aconselharia esta leitura a todos aqueles que se interessam pelas sociedades de que fazem parte e pelas dinâmicas agonísticas em que voluntária ou involuntariamente, se situam, enquanto pessoas, sujeitos políticos e atores sociais.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Francisco J.S.A Luís: Há várias formas de adquirir o livro. No Brasil o ebook tem um valor de 9 reais e o livro 60 reais e pode ser diretamente na Chiado on-line <https://www.chiadobooks.com/livraria/travestis-brasileiras-em-portugal-percursos-identidades-e-ambiguidades> e em € no site <https://www.chiadobooks.com/livraria/travestis-brasileiras-em-portugal-percursos-identidades-e-ambiguidades> - 18€ livro, 3€ ebook.

Pode também ser acedido, em inúmeras outras livrarias no Brasil, como a cultura ou a Martins Fontes e em Portugal na Bertrand, Fnac, wook, etc. Se quiserem entrar em contato comigo, podem fazê-lo na página: <https://www.facebook.com/estudosdegenero>

Nela postamos as sessões de apresentação já realizadas e o agendamento de eventos a realizar.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Francisco J.S.A Luís: Neste momento estou a fazer um trabalho sobre o papel das fundações públicas na organização administrativa dos Estados, dissecando este objeto de estudo sob uma perspetiva jurídica. Paralelamente, e no âmbito da antropologia, continuo estudando as migrações Asiáticas para Portugal. Gosto de estar no terreno e o terreno é onde as pessoas vivem, sonham, choram, riem, desejam ou se frustram. Se vou publicar alguma coisa brevemente, sinceramente ainda não sei.

Perguntas rápidas:

Um livro: “Os filhos da Droga”

Um (a) autor (a): Gabriel Garcia Marquez

Um ator ou atriz: António Fagundes

Um filme: Um Crime no Expresso do Oriente

Um dia especial: Família... quando a vamos perdendo pelo decorrer dos anos, mais lhe damos valor e dela queremos usufruir na plenitude.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Francisco J.S.A Luís: Comprem e leiam o livro, estou certo que se vão surpreender, vai muito além daquilo que o título indica, não obstante, todos os livros têm que ter um título, não é? Um livro é certamente mais do que o seu título. Se quiserem podem ler algumas entrevistas minhas em:

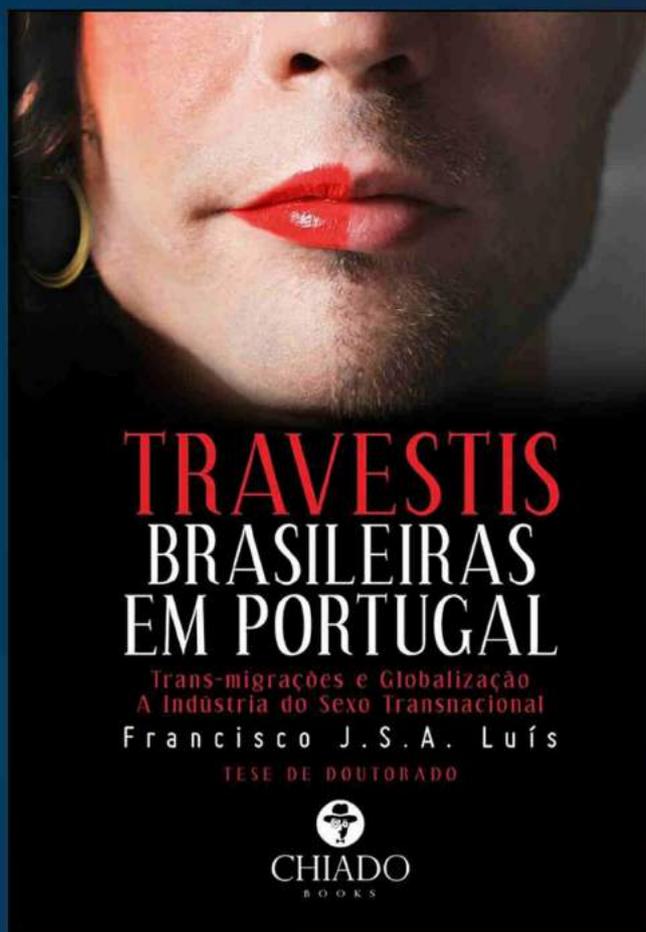
<https://dezanove.pt/a-imigracao-de-travestis-brasileiras-1160274>

<https://www.bancocultural.com.br/travestis-brasileiras-em-portugal-percursos-identidades-e-ambiguidades/>

<http://www.minhodigital.com/news/literatura-26>

Para adquirir o livro "Travestis Brasileiras em Portugal", acesse:

Livraria Cultura - Martins Fontes - Fnac - Amazon - Bertrand - Wook - Puvill



O século XXI acentuou a celeridade dos processos globalizantes e a densificação de tecidos urbanos repletos de contrastes. O mundo já não é a preto e branco e o anonimato trouxe consigo a cor sob a forma de diferença, que, enquanto experiência vivida, se tornou comunitariamente possível na cidade. Quebra-se na prática a uni-direccionalidade entre sexo e género ou entre sexo e sexualidade, enfrentando-se esquemas de pensamento enraizados. O paradigma máximo desta autonomia sistémica alcança-se na construção de uma identidade travesti mutante, mutável e instável que acompanha um mundo profusamente povoado por fluxos intensos e interdependências várias. É na sociedade global que as travestis encontram espaço para a vivência transnacional e comunitária das viagens trans. Brasil, europa, cidade, prostituição e migração surgem como fatores chave para a sua disseminação geográfica e identitária. A rua tornou-se a sua nova casa e as outras travestis são agora a sua família.

Para adquirir o livro: [clique aqui](#)



Série Netflix

A Maldição da Residência Hill

Por Rafael Botter

Um grupo de irmãos cresceram no que se tornaria a casa assombrada mais famosa do país. Agora, adultos, eles são forçados a retornar à mansão após uma tragédia e juntos precisarão enfrentar os fantasmas de seu passado — alguns ainda assombram suas mentes enquanto outros podem estar observando das sombras da Residência Hill.

Impressões:

Saudações cinematográficas, queridos leitores da Revista

Conexão Literatura, tudo bem com vocês? Espero que estejam bem! Vamos com uma super novidade da Netflix? Uma série de terror que em poucos dias já obtém um enorme sucesso.

A Maldição da Residência Hill, acompanha a vida de uma família que se mudou recentemente para essa mansão, com o passar do tempo, coisas bizarras começam a acontecer em toda casa, deixando os membros da família perturbados e aterrorizados.

A série foi adaptada do romance escrito por Shirley Jackson, saindo das páginas para dez episódios assustadores, levando os espectadores em assistir até o fim e acompanhar o desenrolar da família para entender todos os acontecimentos.

Um local quase deserto no oeste de Massachusetts, distante de qualquer estrada, está fincada a sinistra residência Hill. Os Crains planejam reformá-la o mais rápido possível e ter um bom retorno financeiro com a venda. Porém, tudo acaba saindo errado, o casarão possui uma história sombria e cheio de mistérios.

Os acontecimentos fazem um verdadeiro inferno na vida de todos os Crains, cada membro segue o seu próprio destino com o passar do tempo, até que duas décadas depois que tudo de mais bizarro acontece, os irmãos e o pai retornam para a mansão.

Toda história poderia ser contada em um filme de duas horas, Flanagan consegue de forma brilhante, estruturar cada

episódio, colocando o foco principal em um personagem diferente, preenchendo diversas lacunas de até cinco cenas diferentes.

O ponto forte de toda série é fugir do óbvio, focando em toda ambientação e no clima do que do susto em si. O fator medo surge não dos fantasmas e sim de lugares e situações, trazendo o terror psicológico em cada episódio.

A ambientação possui cenários escuros e um clima acinzentado, deixando o espectador apreensivo, sendo que em qualquer momento algo irá surgir das sombras.

O potencial cada vez mais forte da Netflix só prova que estão preparados em produzir séries/filmes de qualquer gênero e época, ganhando cada vez mais espaço na sétima arte.

Se vale a pena? Com toda certeza! Um seriado impecável até mesmo nos mínimos detalhes, assustador, perturbador e aterrador em cada episódio.

Título Original: The Haunting of Hill House - Direção: Mike Flanagan - Ano Lançamento: 12 de Outubro de 2018 - Duração: 60 min - Elenco: Michiel Huisman, Carla Gugino, Henry Thomas, Elizabeth Reaser e Oliver Jackson-Cohen - Episódios: 10 - Temporada: 1 - Gênero: Drama, Terror - Origem: Estados Unidos

Rafael Botter vive em Ibitinga (São Paulo). Escreve para o blog [Livreando: http://www.livreando.com.br](http://www.livreando.com.br) e [Traveling Between Pages: http://travelingbetweenpages.blogspot.com.br](http://travelingbetweenpages.blogspot.com.br). E-mail: botter.rafael@gmail.com.



**ANUNCIE NA REVISTA
CONEXÃO LITERATURA**

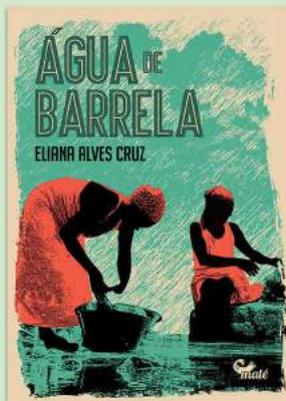
CLIQUE AQUI

LIVRARIA CONEXÃO LITERATURA



Arquidata: A dama da espada e o segredo do medalhão
Raquel Cassiano

Acesse



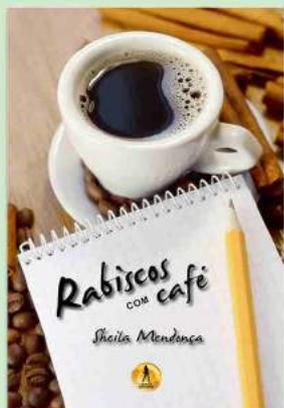
Água de Barrela
Eliana Alves Cruz

Acesse



Janelas da Alma
Harley Wanzeller

Acesse



Rabiscos com café
Sheila Mendonça

Acesse



Brasília ainda chora
Mauro M. Burlamaqui

Acesse



A Princesa da Lua
Bruna Giroldo

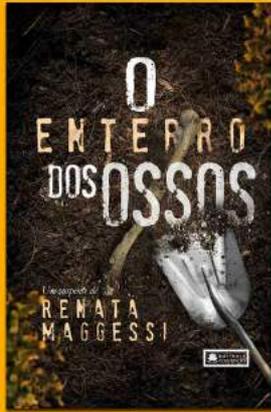
Acesse

“Quando se diz que um escritor está na moda, isso quer dizer que ele é admirado por menores de trinta anos.”

– George Orwell

Veja mais dicas de livros em nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br





O enterro dos ossos
Renata Maggessi

[Acesse](#)



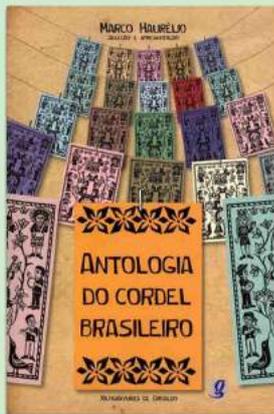
O homem rouco
Rubem Braga

[Acesse](#)



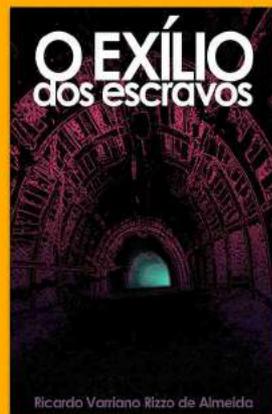
88 Histórias: contos e minicontos
Severino Rodrigues

[Acesse](#)



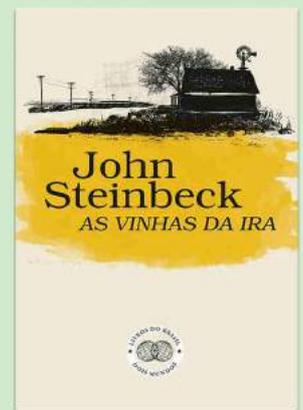
Antologia do Cordel Brasileiro
Xilogravuras de Erivaldo

[Acesse](#)



O exílio dos escravos
Ricardo V. Rizzo de Almeida

[Acesse](#)



As vinhas da ira
John Steinbeck

[Acesse](#)

“Grandes coisas não se fazem por impulso, mas pela junção de uma série de pequenas coisas.”
– Vincent van Gogh

Veja mais dicas de livros em nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br





Resultado do concurso

Os dois melhores contos

Após a leitura de mais de 80 contos, chegamos ao resultado dos vencedores do concurso cultural de contos “Os dois melhores contos – 2018”. Os leitores poderão conferir nas próximas páginas a entrevista que fizemos com os dois vencedores(as), além da publicação de seus respectivos contos. E claro, não poderíamos deixar de citar 3 ótimos contos e seus autores, dos quais receberam menção honrosa:

VENCEDORES(AS)

- Kátia Simões Parente – Conto: “O Café com leite”
- Adriana Igrejas – Conto: “A mulher e o canário”

MENÇÃO HONROSA

- Gisele Donato – Conto: “Prioridade”
- Juan Page – Conto: “Carpe Diem”
- Roberto Fiori – Conto: “Eu sei coisas...”





PUBLIQUE CONOSCO!



Valorizamos o
Autor NACIONAL

www.dragoeditorial.com

“Porque todos têm uma
história pra contar”



KÁTIA SIMÕES PARENTE

**Vencedora do concurso
cultural “Os dois melhores
contos - 2018”**

Por Ademir Pascale
ademirpascale@gmail.com



ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Kátia Simões Parente: Então, gosto muito de ler e por isso desenvolvi a vontade de escrever, mas sempre com a desculpa “não tenho tempo”. Até que criei coragem e escrevi o livro “Em busca da fotografia perfeita” lançado em 2017. Hoje já tenho outro publicado no Amazon, “A Lenda do Vale Seco”. A escrita é uma atividade incrível, te leva

para mundos desconhecidos e ajuda a entender a nós e aos outros.

Conexão Literatura: Você foi uma das vencedoras do concurso de contos “Os dois melhores contos - 2018”, promovido pela Revista Conexão Literatura. Conte pra gente como foi a ideia inicial na criação do seu conto e como foi o desenrolar da trama.

Kátia Simões Parente: Bom, eu fiz um curso de Escrita Criativa online, com o Tiago Novaes,

onde eram dados vários exercícios e em um deles surgiu a ideia deste conto. Confesso que busquei coisas da minha infância para criar a trama e isso fez com que eu escrevesse com muito carinho.

Conexão Literatura: Você já participou de outros concursos literários?

Kátia Simões Parente: Sim, enviei outros contos para alguns concursos que fico sabendo pela internet e atualmente estou participando do Premio Kindle, com o ebook, “A Lenda do Vale Seco”.

Conexão Literatura: Você é autora da obra Em Busca da Fotografia Perfeita, conte mais pra gente.

Kátia Simões Parente: Esse livro é meu xodó. Sei que há algumas falhas, mas foi meu primeiro livro, minha primeira experiência na literatura. Tenho orgulho de ter tido a coragem de publicar. É a história que mais gosto, tanto

que estou escrevendo a continuação.

Conexão Literatura: Quais dicas você daria para os autores que desejam vencer num concurso literário?

Kátia Simões Parente: A primeira é escrever com o coração, não deixar que nada te prenda ao desenvolver o texto.

Depois a revisão, esta etapa é muito importante!!! Revisar várias vezes, corrigir gramática, verbos e palavras repetidas. Ler em voz alta ajuda muito, assim percebe a fluência do texto.

Depois pedir para alguém ler e criticar o texto, estar aberto às críticas é importante, pois é como seu texto será recebido pelo público.

E o mais importante, continuar praticando, escrevendo, mesmo que não haja inspiração.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado poderá saber mais sobre você e o seu trabalho literário?

Kátia Simões Parente: Tenho a página no instagram

@katiasparente e o facebook: katia simoes parente. Costumo publicar trechos dos livros e os lançamentos lá.

Perguntas Rápidas:

Um livro: Big Magic, Elizabeth Gilbert

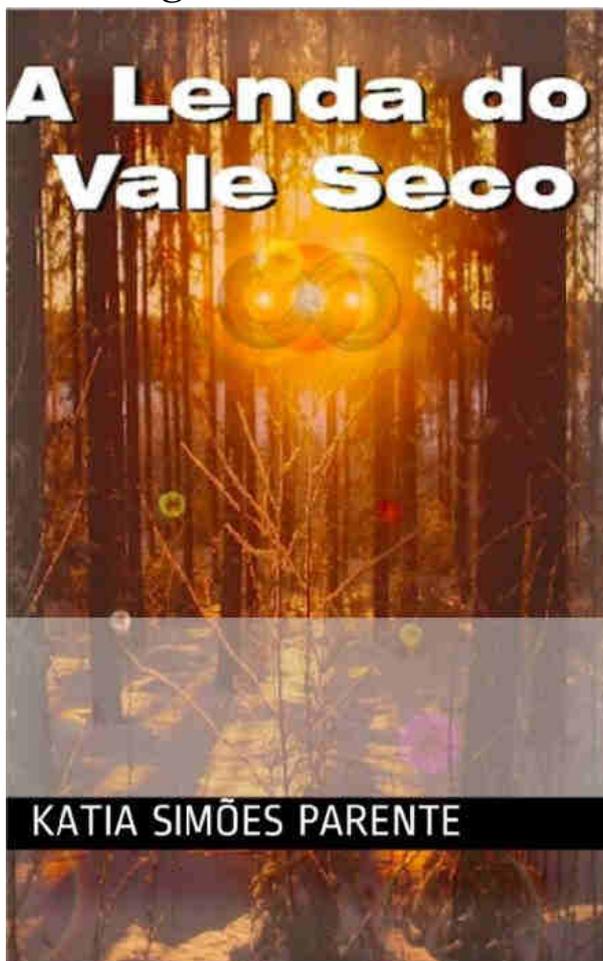
Um (a) autor (a): Stephen King

Um ator ou atriz: Gloria Pires

Um filme: Alguém tem que ceder

Um dia especial: 06 de maio de 2018, quando cheguei a Portugal

e iniciei um novo ciclo em minha vida.



Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Kátia Simões Parente: Não desistam dos seus sonhos. É um clichê, mas é sem dúvida a frase mais correta que já ouvi ou li. Por mais que nós achemos que nossos sonhos

são absurdos, eles podem sim ser realizados. Então, devemos criar outros sonhos e nunca deixar de sonhar.

Visite: <https://www.facebook.com/katia.simoeparente>

LIVRODESTAQUE

www.livrodestaque.com.br

Especialista em
divulgação de livros
e autores

AND THIS IS HOW IT IS
we go home
and we shut our doors
we don't sleep with them open
for fear the world sees in
really sees us
sees our pain
sees our mess
sees the things we can't brush into place
the art we create we're too afraid to show the world
see our broken hearts
we don't open our doors wide
turn the spotlight on
I say, "I haven't done laundry in a week. My girlfriend
I'm not sleeping."
at the white door
ndle
all night.



O Café com Leite

por Kátia Simões Parente

Saiu para caminhar ao final da tarde como costumava fazer todos os dias. Com sua aposentadoria tinha tempo de passear, olhar a paisagem e a vida dos outros. Seus filhos e netos moravam longe, por isso viam-se a cada quinze dias, a esposa fazia bolos para fora e não gostava dele por perto o dia

inteiro, dizia que atrapalhava seu serviço, então Sr. Jorge sentava todos os dias após a caminhada para tomar um café com leite na padaria, assim passaria o tempo. O lugar estava sempre tranquilo àquele horário, apenas uma mulher sentada sozinha, olhando o celular enquanto seu expresso esfriava. Era uma boa forma de

matar o tempo, mas também um pouco solitária, às vezes pensava que sua vida chegaria ao fim logo, se continuasse assim tão sem graça.

Nesta tarde, entretanto, houve uma coisa diferente, uma menina entrou e pediu três pãezinhos ao rapaz do balcão, que após colocar seu chapéu branco de padeiro e as luvas de plástico, foi atender ao pedido da garota. Ela usava um vestido de algodão e por cima uma malha de lã com botões em forma de flores que estavam abertos, deixando a blusa balançar conforme ela rodava.

Nenhuma criança consegue ficar parada no mesmo lugar por muito tempo, os poucos minutos de espera pelos pães eram suficientes para treinar uns passos de balé. Em sua última volta, deu de frente com o velho sentado à mesa que a observava. A garota ficou sem jeito, as bochechas vermelhas, virou de lado e se esticou para pegar os pães que o rapaz do balcão lhe entregava, em seguida foi ao caixa, pagou e saiu.

No dia seguinte foi a mesma cena, a diferença era a cor do vestido, mas os passos de balé eram os mesmos e a quantidade de pães também. Sr. Jorge reparou nela outra vez, que ficou vermelha e saiu sem falar nada. Isto se repetiu a semana inteira, até que na sexta-feira, era a garota quem olhava para ele. Não houve passos de balé, só um olhar interessado naquele velho que a assistira todos os dias.

Neste momento Sr. Jorge é quem ficou sem graça, com as bochechas vermelhas, ela o olhava curiosa e isso o fez ruborizar ainda mais. Ela se aproximou da sua mesa e perguntou:

— O senhor trabalha aqui?

— Eu? Não, estou só tomando um café com leite — respondeu Sr. Jorge com certa timidez.

— Hum. Todos os dias o senhor toma café com leite aqui?

— Sim, é o que faço à tarde.

A garota pareceu satisfeita com a resposta, foi para o caixa pagar e saiu. No final de semana ele não viu, entretanto, na segunda-feira lá estava ela, comprando pão, dançando e indo embora,

com a diferença que agora, antes de sair dava uma olhada para ele com um sorriso. Na sexta-feira, após uma semana inteira de repetição da mesma cena, ela resolveu se aproximar dele uma segunda vez.

— Posso tomar um café com leite também?

— Bem... — tentou disfarçar sua surpresa. — Sim, pode. Sua mãe não vai ficar preocupada de você demorar?

— Acho que não, ela sabe que venho na padaria e na volta sempre paro na casa da minha amiga. Hoje não quero ver minha amiga. Quero tomar café com leite.

— Ah, sim, está bem. — Sr. Jorge pediu ao rapaz do balcão que trouxesse outra xícara para ela.

Quando seu café com leite chegou ela molhou a boca de leve, estava quente, mas tinha um cheiro bom, era o cheiro do seu avô, que já se transformara em estrela havia um tempo. Ela tinha a memória de seu café com leite como uma lembrança boa que nunca se apaga. Ficaram em silêncio, como às vezes as

pessoas que não se conhecem direito ficam, meio sem assunto, então ela tomou a iniciativa e perguntou:

— Qual é o seu nome?

— Me chamo Jorge, as pessoas me chamam de Sr. Jorge, mas é só uma formalidade. E você, como se chama?

— Clarice. O senhor já tem netos?

— Sim, tenho dois, eles moram em outra cidade.

— Ahhh — ela olhou para sua xícara e pareceu desiludida com a informação.

— Por que você pergunta?

A garota continuou olhando para sua xícara, balançava os pés que não alcançavam o chão, depois olhou para ele e desviou o olhar para a padaria vazia, com ar pensativo, distante, até que perguntou:

— Posso ser sua neta também?

Sr. Jorge ficou mais surpreso ainda de quando ela pediu o café com leite.

Percebeu suas bochechas queimarem.

— Bem, acho que pode... Um tipo de neta adotiva...

— Isso, assim posso tomar café com leite todos os dias aqui com o senhor.

Uma alegria invadiu o coração do Sr. Jorge, que desde que se aposentara estava sentindo uma solidão enorme, tinha a esposa, mas ela estava sempre ocupada com seus bolos, e alguns amigos, que nunca tinham disposição para sair de casa. Sentia um vazio que estava difícil preencher, agora algo se iluminava dentro dele.

— Então estamos acertados, você agora é minha neta e pode me encontrar aqui para tomar café com leite todos os dias — estendeu a mão para ela como se fechassem um negócio, ela correspondeu ao cumprimento com um sorriso luminoso.

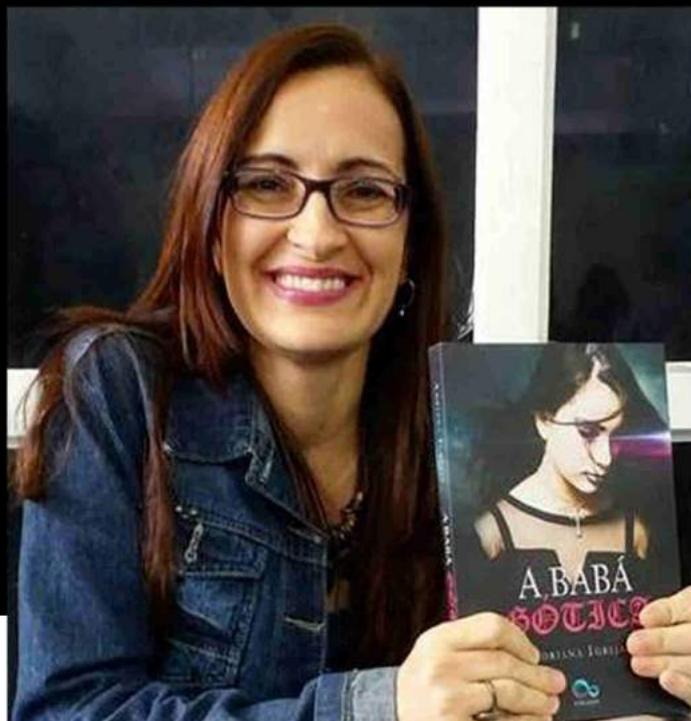
E assim, dois cafés com leite foram servidos todas as tardes naquela padaria durante ainda muitos anos.

Katia Simões Parente é engenheira química, tem paixão pela literatura e pela escrita, mundo no qual ingressou há algum tempo com o livro *Em Busca da Fotografia Perfeita*. Atualmente está trabalhando em um novo romance e tem alguns contos escritos que farão parte de uma coletânea futura.

ADRIANA IGREJAS

Vencedora do concurso cultural "Os dois melhores contos - 2018"

Por Ademir Pascale
ademirpascale@gmail.com



ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Adriana Igrejas: Claro. Eu participava de concursos literários desde a época da faculdade, mas finalmente fui contemplada em 2001, tendo um texto meu selecionado no concurso "Devemos ver com os olhos livres" promovido pela Academia Brasileira de Letras e Folha Dirigida, resultando em uma publicação dos 100

melhores trabalhos entre os 10.000 participantes. Logo depois vieram outras publicações em antologias resultantes também de concursos literários: Servidor das Letras – Poesia e Conto (14º Concurso Literário do Servidor Público do Estado do Rio de Janeiro- Autoria do conto A parte perfeita, em 2010; Palavra Maravilhosa – Poesia e Conto (Concurso Literário resultante em livro lançado na XV Bial Internacional do Livro do Rio de Janeiro) - Autoria do Conto A cara do Rio de Janeiro, em 2011.

Em 2011 também lancei meu primeiro romance e livro solo: “A fórmula da vida.” Daí por diante comecei a me considerar realmente uma escritora, participando de eventos e publicando outros livros e textos em mais de dez antologias.

Conexão Literatura: Você foi uma das vencedoras do concurso de contos “Os dois melhores contos - 2018”, promovido pela Revista Conexão Literatura. Conte pra gente como foi a ideia inicial na criação do seu conto e como foi o desenrolar da trama.

Adriana Igrejas: Esse conto não é novo. Eu o escrevi faz muito tempo.

Foi um momento da minha vida em que estive sob estresse emocional, e o conto foi uma espécie de desabafo. O paralelo entre a mulher e o canário veio à minha mente de uma forma tão natural, que nem sei explicar como foi...

Conexão Literatura: Você já participou de outros concursos literários?

Adriana Igrejas: Sim! Como respondi anteriormente, foi como comecei. Participo de várias antologias graças a isso!

Conexão Literatura: Você é autora de romances e contos, conte mais pra gente.

Adriana Igrejas: Isso. Romances e contos.

Não escrevo poesia. Adoro a prosa.

Amo criar enredos. Já escrevi peças de teatro também e roteiros. Sou basicamente uma contadora de histórias!

Conexão Literatura: Quais dicas você daria para os autores que desejam vencer num concurso literário?

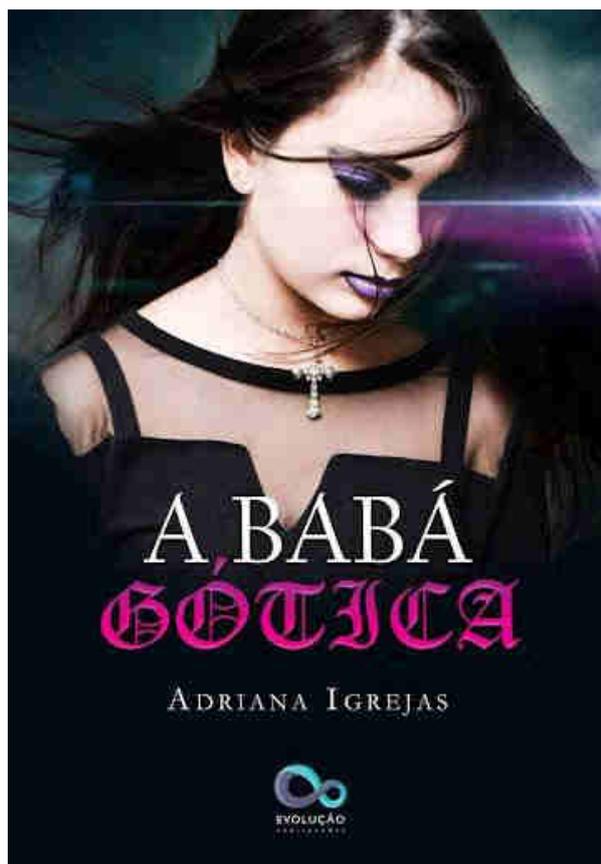
Adriana Igrejas: Bem, eu diria primeiramente para participar de um concurso cujo gênero literário e tema lhe sejam familiares. Por exemplo, se eu não me identifico com terror, não vou escrever um bom conto de terror... Se não sou bom em escrever crônica, não devo me

inscrever num concurso desse tipo e por aí vai.

Mas outra coisa muito importante é a linguagem e a língua. O cuidado com a língua portuguesa é fundamental. Um texto bem escrito e correto gramaticalmente é sempre um ponto positivo.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado poderá saber mais sobre você e o seu trabalho literário?

Adriana Igrejas: Eu estou nas redes sociais: Facebook, Instagram, Wattpad (capítulos de livro para degustação), meus livros estão todos na Amazon. No Youtube há vídeos comigo, entrevistas que dei a blogs e uma que dei ao Programa Iluminuras da TV Justiça, em 2015. Os vídeos não são de um canal meu, mas pesquisando pelo meu nome são facilmente encontrados. Tem book trailer dos meus livros... Há resenhas dos meus livros em vídeo e por escrito em vários blogs. Tenho um blog, mas está desatualizado... Enfim, estou no



Google! Vocês podem me googlar... (risos).

Perguntas Rápidas:

Um livro: Senhora

Um(a) autor(a): José de Alencar

Um ator ou atriz: Carlos Vereza

Um filme: Nosso Lar

Um dia especial: 27 de novembro de 2011 – o lançamento do meu primeiro romance.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Adriana Igrejas: Sim. Gostaria de agradecer à Conexão Literatura pela oportunidade de divulgação do meu trabalho e dizer o quanto fico grata e lisonjeada por ter tido meu conto escolhido por esse prestigiado Concurso. Aos

leitores da Revista, deixo o meu abraço carinhoso e solidário de quem compartilha da mesma paixão: esse amor pela leitura e literatura que tanto nos aproxima e nos torna seres humanos melhores.

Visite: <https://www.facebook.com/adriana.igrejas>

LIMBOGRAPHIA

por Roberto Schima



Vinte contos de ficção científica e fantasia em sua maior parte, entre os quais a história "Como a Neve de Maio", vencedora do Prêmio Jerônimo Monteiro, promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record).

Olhe lá fora. A noite caiu e as estrelas continuam a brilhar no céu como antigamente, embora já não tão nítidas. Aparentam estar ao alcance de nossas mãos. Está vendo?

Existe o silêncio. Existe o mistério.

Existe o sonho.

Respiremos fundo o ar frio e úmido:

Fechemos bem os olhos e, com toda a paixão...

Ergamos os braços.

Roberto Schima

Nasceu na cidade de São Paulo/SP em 01/02/1961. É neto de japoneses, por mais que o seu sobrenome pareça alemão. Faz ilustrações, escreve contos e, ocasionalmente, crônicas. Vencedor do "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela extinta "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio". Escreveu os livros "LimboGraphia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "A Voz do Oceano" (noveleta), entre outros. Autor do conto "Abismo do Tempo", um dos vencedores do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista Conexão Literatura e publicado em sua edição nº 37, de Julho de 2018.

Informações: Google e sites do gênero.

Contato: rschima@bol.com.br ou rschima@ig.com.br



Para obter o livro (edição em papel - com ou sem capa dura - ou digital):

<https://www.clubedeautores.com.br>

<https://www.agbook.com.br>



por Adriana Igrejas

A Mulher e o Canário

A mulher e o marido tinham um canário. A ave era bonita e tinha uma cor vistosa que parecia refletir novos matizes quando ao sol.

Todos os dias pela manhã, a mulher limpava a gaiola do pássaro, trocava-lhe a água e a comida. Em seguida, ia pendurá-la na varanda, ao sol, onde ele, então, cantava alegremente. O marido se comprazia muito em ouvi-lo. Era uma grande satisfação saber que

em paga aos tratos que lhe eram dispensados, o canário lhes alegrava a vida.

A mulher, porém, mesmo ao ouvir aqueles encantos sonoros, às vezes sentia-se triste ou desgostosa. Não sabia exatamente o porquê, mas adivinhava que aquilo era bem humano: sentir-se mal, mesmo quando tudo parece bem. A sensação de perda ou de algo não alcançado lhe era constante. Por vezes, certa dor e sofrimento

comedidos lhe eram agradáveis. Um copo quebrado, um dinheiro mal gasto, uma palavra rude de seu companheiro eram o bastante para levá-la a uma reflexão existencial, e por mais que quisesse mostrar-se sempre feliz, suas feições a traíam. Seu rosto murcho, o olhar vago, o ar suspiroso... seu silêncio...

"Que é que você tem?", perguntava-lhe então o homem. Como se tivesse que ter alguma coisa! Não se podia pensar um pouco na vida, amargurar-se um pouco e depois voltar a sorrir no dia seguinte? Era preciso sorrir sempre? Sim, era feliz! Cansava-se de jurá-lo a ele! Não lhe faltava nada! Mas, não podia sentir o que quisesse? Amar, odiar, sentir fome, angústia, tristeza, felicidade, sono, insônia, náuseas, medo, receio, loucura, solidão, tédio, vontades, luxúria, frigidez, ambição, calma... satisfação, insatisfação? Assim, sentia-se viva e mulher! Não queria ser uma máquina de sorrisos e sins. Queria dizer NÃO muitas vezes, e chorar tantas outras, chorar muito, sem ter de dar explicações e motivos! Era assim que sentia faiscar seu princípio vital! Era assim que o queria sempre, porque sem suas emoções não lhe restaria nada!

Mas o homem não entendia isso e pesava-lhe muito machucá-lo. Para ele, qualquer torcida de nariz figurava-se como uma ameaça iminente. O que esta mulher poderia querer mais? Tinha uma boa casa, filhos saudáveis, marido trabalhador, carro de passeio, uma empregada... ela tinha até sua carreira e seu emprego! Por isso não tolerava que ela estivesse a suspirar pelos cantos! Não era lógico nem justo! Ele se esforçava tanto por fazê-la feliz! Era cheia de vontades, isso sim! Uma menina mimada! Tão cheia de caprichos que tudo a aborrecia! Seu silêncio o irritava intimamente. Talvez... medo... É, tinha medo do silêncio. As coisas não ditas ficam suspensas na imaginação e o medo das ameaças imaginárias fragilizam o indivíduo. Ao menos quando ouvia o canário, ela deveria sentir-se feliz! Mas, a princesinha já tinha enjoado disso também!

Certo dia, o canário não cantou. O desgosto que o homem sentiu pode bem ser imaginado! Quando no dia seguinte, e no outro, e no outro ...o pássaro não voltou a cantar, seu desgosto se transformou em desespero, o que o fez chamar o veterinário.

O doutor, por sua vez, após examinar a criaturinha, afirmou não haver nada de errado com ela, tratando-se, portanto, de vontade ou não do bicho de cantar. Foi então, que o desespero tornou-se cólera e o ser pensante pôs-se a esmurrar as grades que encerravam aquele pequeno ser irracional. Por que você não canta, seu miserável? Acaso não lhe dou comida todos os dias? Não lhe dou água? Onde você vive não é limpo? Não tem o teu banho de sol todos os dias? Que é que te falta? Por que não canta mais?

O canário esvoaçava freneticamente dentro de sua prisão, mediante as bordoadas recebidas pela gaiola. Pare! Pare com isso! acudiu a mulher. Vai acabar matando o pobrezinho! O marido parou, suspirou e foi para dentro de casa cabisbaixo.

Dois dias depois, o canário voltou a cantar. Mas, daí por diante, tornou-se um canário caprichoso. Vez ou outra, não se dignava a cantar por sua vontade própria. Nesses dias, o homem se fazia completamente infeliz e irritável. Para completar, a mulher, de ironia perguntava: O que você tem? Por que está assim? Você tem tudo para ser feliz!

Certa vez, a mulher quis levar seus filhos em um passeio, mas seu companheiro não achou ser uma boa ideia. Com isso, ela ficou um dia inteiro contrariada. Ao perceber, o homem ficou nervoso e explodiu em seus argumentos: Por que você não fala comigo? Acaso lhe falta alguma coisa? Que é que te falta?

A mulher não respondeu. Correu para o quarto e trancou-se para poder chorar. Queria apenas a liberdade para sentir! Sorrir quando tivesse vontade de sorrir! Cantar quando tivesse vontade de cantar! Estremeceu. Esse último pensamento vazou seu espírito como uma lança em chamas. Era isso! Cantar quando quisesse cantar! Exatamente como o canário! Buscou a resposta lá no fundo do seu coração e usou de toda a sua capacidade intelectual para chegar a um postulado: O canário era ela e ela era o canário!

Como que movida pela excitação da descoberta, dirigiu-se decidida e rapidamente para a gaiola do pássaro. Sem hesitar um só minuto, abriu-a e libertou o canário. Olhou para o céu e o viu seguir seu destino enquanto ela sorria tristemente. Quando o canário desapareceu de suas

vistas, ela foi buscar as crianças, tomou-as pelas mãos, abriu o portão e saíram. Disse simplesmente: *Vamos passear.*

Adriana Igrejas é Professora de Português/ Literatura e Inglês, formada pela UFRJ e leciona na Rede Estadual de Ensino e em escolas particulares. Escreve desde criança, mas teve seus primeiros textos publicados através de concursos literários, a partir de 2001. É autora de romances e contos. Participa de diversas antologias e publica também pela Amazon. Recebeu o Prêmio Baixada 2014 na categoria Literatura/Romance e o “Prêmio DestaQ Baixada” 2018 como romancista e contista. Faz parte da Academia de Letras de sua cidade. É casada e tem dois filhos.



Círculos de Leitura

A Arte do Encontro

Instituto Fernand Braudel celebra com livro o sucesso de seu programa Círculos de Leitura

O Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial realizou, na casa sede do Programa Círculos de Leitura em Higienópolis, o lançamento do livro “Círculos de Leitura – A Arte do Encontro”, celebrando o sucesso do programa, ao longo de seus 18 anos de existência.

A obra organizada por Catalina Pagés e Maria Aparecida Lamas,

respectivamente fundadora e coordenadora pedagógica do programa Círculos de Leitura, coroa um esforço que já extrapolou as fronteiras de São Paulo, e cria profundas raízes em outros estados brasileiros com o objetivo de formar leitores desde as idades mais tenras e também jovens multiplicadores, responsáveis por replicar a metodologia com seus pares,

desenvolvendo assim o protagonismo juvenil.

Os multiplicadores dos Círculos de Leitura vão além dos muros da escola e viajam para outras cidades e estados, aos povoados mais distantes, para despertar em outros jovens o encantamento pela leitura.

Para se ter uma ideia do alcance do programa, imagine jovens de escolas públicas, entre 14 e 18 anos lendo clássicos da literatura nacional e mundial, que abarcam desde O Pequeno Príncipe, de Antoine de Saint Exupéry, Dom Casmurro, de Machado de Assis, chegando a Noites Brancas, de Dostoiévski.

Sim, aos poucos, com método e tudo a seu tempo, jovens reúnem-se semanalmente em suas escolas, para ler e discutir, discutir e pensar coletivamente, num movimento em que os participantes crescem com a literatura.

Os multiplicadores de São Paulo, e também de outros estados contam com grupos que ocorrem na Casinha, como é carinhosamente conhecida a sede dos Círculos de Leitura, em Higienópolis.

“É essencial criar um ambiente acolhedor no qual as pessoas, sentadas em círculo, possam olhar e ouvir umas às outras. O

que se observa no grupo é a circulação de uma energia que se transforma em sinergia”, afirmou a coordenadora geral dos Círculos de Leituras, Catalina Pagés.

Ao longo de seus 18 anos, os Círculos de Leituras têm demonstrado que é possível desenvolver nos alunos da rede pública de ensino a capacidade de ler, interpretar, discutir e produzir textos, um dos principais aspectos da formação da cidadania. Nada mais oportuno num momento em que se discute o desempenho escolar no Brasil, especialmente na leitura, que vem caindo a cada ano.

Números de uma pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro mostram que a leitura não é um hábito entre os brasileiros. De acordo com os dados, 44% da população brasileira não lê e 30% nunca comprou um livro.

Tal situação acarreta uma baixa habilidade linguística entre os alunos, fato comprovado pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA). Segundo os últimos resultados divulgados em 2016, o Brasil está na 59ª posição na área de leitura entre os 70 países avaliados.

Outro resultado que nos coloca em um patamar insatisfatório

são os dados oferecidos pelo Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF), divulgados em julho deste ano. A pesquisa revela que 29% da população brasileira se encontra na faixa de analfabetismo funcional.

Dentre as pessoas com ensino médio, 12% estão na faixa de domínio rudimentar de leitura. Essas proporções não têm variado significativamente desde 2001.

Diferencial - O Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial assumiu o compromisso de ajudar a mudar essa triste realidade. Os alunos que participam do programa leem, por ano, quatro grandes obras literárias e quatro contos. Um volume de leitura muito acima da média nacional, 2,43 livros lidos por ano.

Maria Aparecida Lamas explica que o programa prevê a participação dos jovens nos anos finais do Ensino Fundamental II e do primeiro ao terceiro ano do ensino médio. Durante esse

período os jovens leem obras de autores nacionais e estrangeiros. O repertório abraça desde obras contemporâneas, como *Fernão Capelo Gaivota*, de Richard Bach, e *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, chegando a autores clássicos como Machado Assis, Shakespeare, Dostoiévski e Tolstoi, para citar alguns exemplos.

Além de São Paulo, outros estados já adotaram o programa, a exemplo do Ceará, que incluiu os Círculos de Leitura nas atividades cotidianas das escolas e tem conseguido excelentes resultados. Atualmente, nesse estado, 125 escolas de 74 municípios desenvolvem o programa. Bahia, Minas Gerais e Pernambuco também aderiram à ação com seus estudantes.

Em 2017, como reconhecimento pelo seu trabalho, o programa Círculos de Leitura também foi premiado pelo Instituto Pró-Livro, na categoria organizações sociais.

SHEILA MENDONÇA

Autora do livro "Rabiscos com Café"



Por Ademir Pascale
ademirpascale@gmail.com

Jornalista e trabalha com preparação de originais (revisão de texto, copidesque e análise de original) para autores independentes e editoras. E com preparação de texto para diversos segmentos nas redes sociais. Escritora com dez livros publicados, entre lançamentos solos e antologias. O seu mais novo trabalho é um livro de pensamentos chamado "Rabiscos com Café", lançado em 2018 pela Drago Editorial.

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Sheila Mendonça: O meu início foi sem a menor pretensão de chegar onde estou hoje. Assisti a um filme no cinema e senti uma necessidade enorme de escrever

algo meu com a mesma temática: violência doméstica.

E assim sem pretensões nasceu "Cabra Cega" quando eu tinha 18 anos. E só voltei a pensar no sonho como possibilidade de realização aos 33 quando descobri o Clube de Autores. De lá para cá não parei mais.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “Rabiscos com Café” (Drago Editorial). Poderia comentar?

Sheila Mendonça: É um livro de pensamentos. Pensamentos poéticos, não são poesias, é mais uma brincadeira. Eu tinha um blog e de lá para cá eu sempre gostei de postar pensamentos meus, como se fossem pensamentos para começar o dia. Depois do blog vieram as redes sociais e eu continuei com esse hábito, então as leitoras daquela época e as novas começaram a me dizer que não saiam de casa para trabalhar sem antes dar uma lida nos meus pensamentos, e que eu deveria fazer um livro com eles. Minha mãe também falava muito isso, resolvi dar ouvido aos pedidos e assim nasceu Rabiscos.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto

tempo levou para concluir seu livro?

Sheila Mendonça: Para este livro não teve o processo de pesquisa,

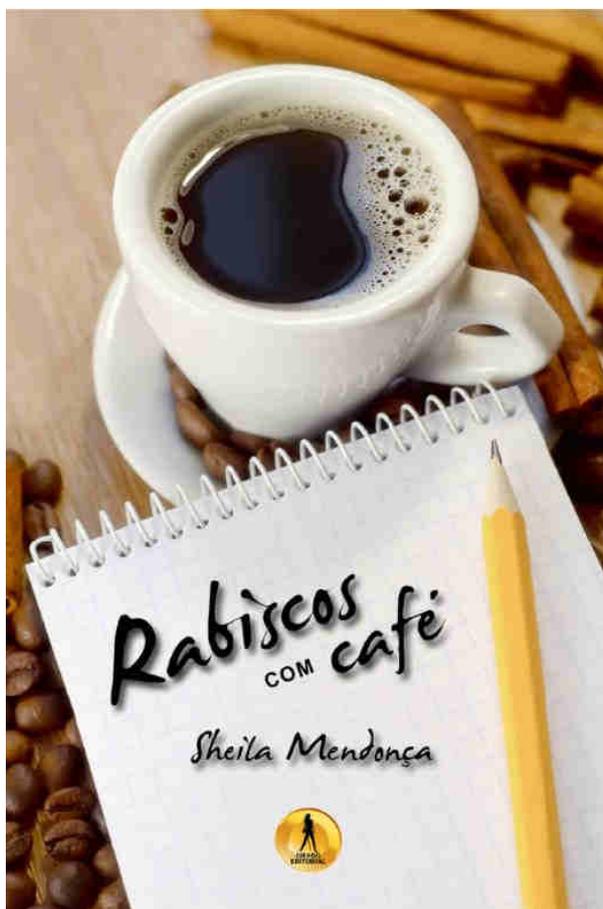
talvez só internamente, já que tem muito de mim em cada pensamento. Alguns eu já tinha e outros eu criei para o livro. Escrevi em um mês.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

Sheila Mendonça: "Crie oportunidades para o sucesso bater à sua porta."

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Sheila Mendonça: O meu livro é vendido diretamente comigo, na Livraria da Drago e nas Livrarias



parceiras da editora. O meu leitor me encontra no Instagram: @shemendonca.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Sheila Mendonça: Sim. Estou finalizando um romance. E tem mais dois projetos para trabalhar e pensar em publicação para os próximos anos.

Perguntas rápidas:

Um livro: Esmeralda

Um (a) autor (a): Zíbia Gasparetto

Um ator ou atriz: Marjorie Estiano

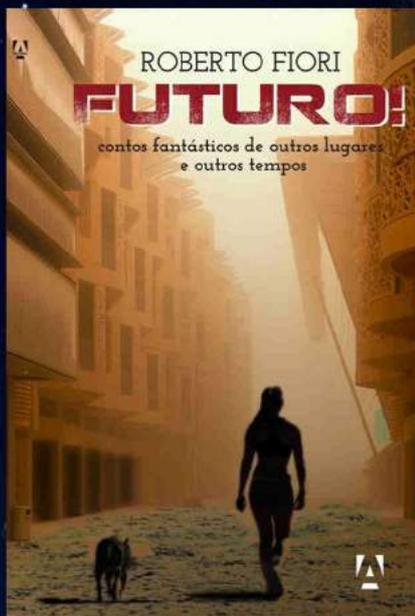
Um filme: Annie

Um dia especial: O mais recente: o lançamento do livro "Rabiscos com Café" na Livraria da Travessa.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Sheila Mendonça: Nunca desista dos seus sonhos.

Batalhe por ele que a realização vem.



**CONTOS INSTIGANTES, COM O PODER DE
TELETRANSPORTAR ÀS MAIS REMOTAS
FRONTEIRAS DE NOSSO UNIVERSO E
DIFERENTES DIMENSÕES**

Uma obra do autor Roberto Fiori

para adquirir
[clique aqui]

RICARDO VARRIANO

Autor do livro "O Exílio dos Escravos"

Por Ademir Pascale
ademirpascale@gmail.com



Ricardo Varriano Rizzo de Almeida (28 anos) mora em Garça-SP, onde trabalha como consultor terapeuta em uma clínica para dependentes químicos. Filho do comerciante/empresário Ricardo Rizzo e designer de moda/blogueira Monica Varriano (blog Cats, Beavers & Ducks), Ricardo teve uma infância feliz e uma vida adulta... complicada. Aficionado em literatura fantástica, filmes, vídeo games e seus mundos imaginários, seu maior prazer estava em escapar para outros universos, o que o levou a um certo redemoinho chamado alcoolismo. Sóbrio há dois anos, Ricardo agora encontrou novo júbilo em uma outra forma de visitar esses universos: escrevendo sobre eles.

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Ricardo Varriano: Devo tudo à minha mãe Monica que, quando

eu era bebê, lia para mim gibis da Turma da Mônica (hehe) todas as noites, sem falta. A partir disso, sempre tive facilidade, talvez não com a palavra em si inicialmente, mas com a imaginação. Digo por

experiência própria: o que muitos pais hoje em dia acreditam ser um momento de sono ou descanso perdido, na verdade representa tudo na alfabetização e construção de identidade de seus filhos pequenos.

A cultura de ficção sempre esteve presente em minha vida, de uma maneira ou outra.

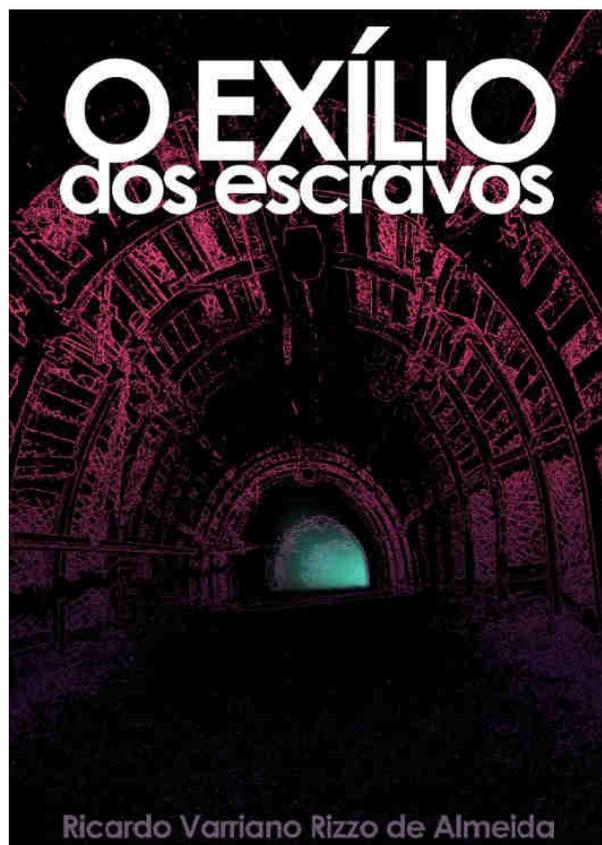
Da alta fantasia medieval à violência gratuita e sombria de um apocalipse zumbi, minhas paixões caminharam junto comigo e foram se transformando à medida que eu vivia coisas novas (boas e terríveis).

Tudo culminou num amálgama de gêneros prediletos, com a ficção científica no topo.

Eis que decidi escrever sobre esse amálgama.

Preferi escrever um livro sobre esse caos sistemático, o sobe-desce que é a vida, e tudo dizia que uma ficção científica seria a melhor maneira de fazê-lo.

Conexão Literatura: Você é autor da obra “O Exílio dos Escravos”, publicado pelo KDP na Amazon. Poderia comentar?



Ricardo Varriano: O Exílio é uma ficção científica escrita, como os gringos diriam, “by the seat of my pants”. Comecei a escrevê-lo dentro da clínica em que fiquei (e onde hoje trabalho e tem minha eterna gratidão!), devido ao meu problema com o álcool, sem a mínima ideia de onde a trama iria parar. É a velha metodologia Stephen King de escrita: andar de mãos dadas com o enredo. Fiquei feliz com o resultado após meses de insegurança e edição. A narrativa e personagens do Exílio têm tudo a ver com o que vivi dentro e fora de meu tratamento (exceto as partes violentas, é claro).

Eu o escrevi, inicialmente, sem levar a sério. Sempre me sentava em algum canto diferente da clínica, e logo meus companheiros de tratamento criaram o jogo “onde o Ricardo está escrevendo hoje?” Era o meu modo de passar o tempo, apesar das variadas atividades terapêuticas que tínhamos. Criei o universo que eu queria, o moldei, dei vida aos personagens, sem se importar muito com a trama. Foi então que alguns dos outros pacientes se interessaram pelo que eu passava horas fazendo, e resolveram dar uma pincelada nas páginas manuscritas à caneta.

Algumas sobancelhas se ergueram ao lerem o início do Exílio e, com um encorajamento extra, era hora de levar a coisa um pouco mais a sério. A diversão, porém, não poderia faltar no processo, e o leitor certamente a encontrará no diálogo lúdico e enredo dinâmico, com personagens dissecados sem dó em suas emoções e sensibilidade.

Lembra de Lego? Esse livro sou eu brincando de Lego, só que as peças são figuras de linguagem e referências sutis (e outras não tão sutis).

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Ricardo Varriano: Ah, pesquisas... Foi por pura sorte, mas, mesmo internado e sem acesso a certas mídias, eu tinha tudo o que eu precisava para escrever uma ficção científica. Grande parte das descrições e usos das tecnologias, presentes no livro, eu devo a um grande engenheiro e pesquisador da MIT que, para minha felicidade, encontrava-se em tratamento comigo. Usei e abusei do conhecimento desse camarada a ponto que, quando percebíamos, estávamos viajando sobre aplicações de consciências coletivas na criação de, por exemplo, uma Inteligência Artificial totalmente humana (e falha como a própria). A obra é extensa, e levou um ano para ser terminada, mas, sozinho, eu não teria saído do prólogo.

É claro que não poderiam faltar inspirações. Combustíveis como Júlio Verne, Aldous Huxley, Alfred Bester, John Scalzi são de altíssima octanagem quando me faltava aquela motivação para botar a bunda na cadeira e escrever.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

Ricardo Varriano: “É assim que o mundo sempre foi”.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Ricardo Varriano: O Exílio dos Escravos está disponível, no momento, somente na Amazon em formato E-Book por R\$ 9,99. <https://www.amazon.com.br/dp/B07J56FNCQ>

Estará impresso em breve também, em janeiro ou fevereiro.

Quanto a mim, estou no Facebook (<https://www.facebook.com/ricardo.vrno>), Instagram ([ricardo_varrizzo](https://www.instagram.com/ricardo_varrizzo)) e Twitter ([@RicardinVarr](https://twitter.com/RicardinVarr), criado recentemente).

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Ricardo Varriano: Me encontro focado no trabalho e faculdade no momento, mas àqueles que

preferem assim (conheço vários), o Exílio estará em breve disponível em inglês. Também já iniciei o segundo volume, O Exílio dos Escravos: Ala 7, mas esse vai demorar um pouco mais!

Perguntas rápidas:

Um livro: The Last Ringbearer (fanfic russa de Senhor dos Anéis)

Um (a) autor (a): Maurício de Sousa. Minhas sobranças não chegam aos pés das dele, mas espero que minha paixão pelo trabalho criativo um dia chegue!

Um ator ou atriz: Matthew McConaughey; Carrie Fisher

Um filme: O Homem da Terra

Um dia especial: Ah, qualquer dia meio frio está ótimo!

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Ricardo Varriano: Olha só, sendo recém-chegado no nicho da escrita de ficção, fiquei surpreso em ver como o apoio é enorme entre autores brasileiros!

A prática predatória que vemos em qualquer outro tipo de mídia é praticamente inexistente no universo da Ficção Científica aqui. Espero que isso sirva de

encorajamento a futuros autores. O país precisa de vocês!



Visite: <https://www.facebook.com/ricardo.vrno>

HELDER FELIX

**Autor do livro "Batons,
Eucaliptos e Aspirinas"**

Por Ademir Pascale
ademirpascale@gmail.com



O autor nasceu em Fortaleza. Graduado em Letras-Português e Literatura pela UFC – Universidade Federal do Ceará. Especializou-se em Ensino de Língua Portuguesa pela UECE – Universidade Estadual do Ceará. Membro do grupo de estudos em ADC – Análise do Discurso Crítica (UECE). Professor e escritor. Produz em vários gêneros, destacando-se contos, crônicas, poesia, haicais. Teve textos publicados em revistas eletrônicas, blogs e em antologias de concursos literários como: III Concurso literário Big Time Editora, Antologia Prêmio Vip de Literatura Edição 2016, Antologia Baseado na Estrada – 50 anos do movimento Hippie, Concurso Contemporânea de Literatura 2016, 5º Concurso Literário Pague Menos, IV Festival de Haicai de Petrópolis, Antologia de contos Arte do terror – 4º volume.

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

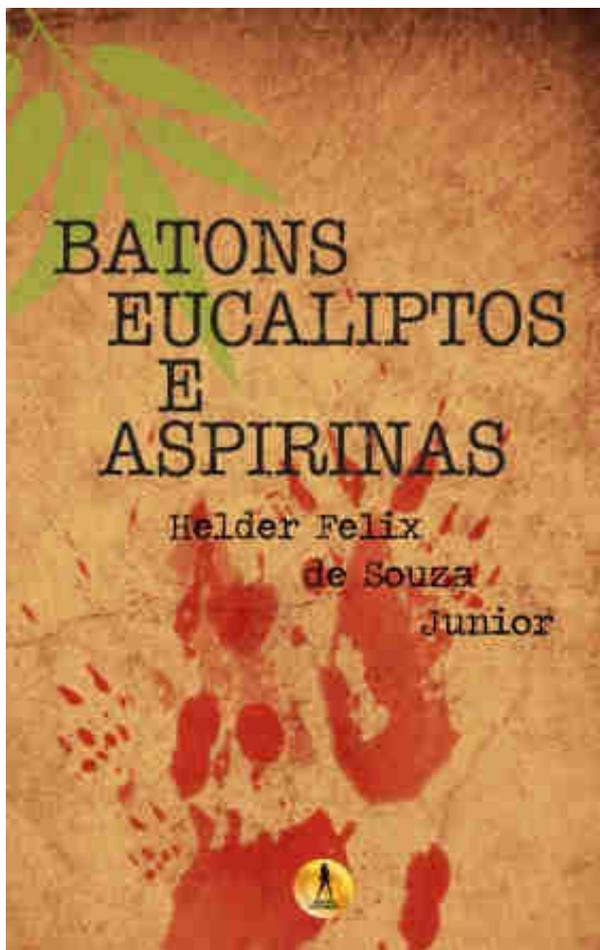
Helder Felix: Rememorando meus primeiros contatos com a Literatura, transporto-me aos meus 9 ou 10 anos quando tive

contatos com clássicos da literatura infantil universal que minha mãe trazia para casa. Desse tempo, o universo criativo de clássicos como O Patinho Feio, O Soldadinho de Chumbo, Branca de Neve que aos poucos me despertou a curiosidade e fascínio pela leitura. Como escritor – ou tentativa de sê-lo – comecei por textos de cunho poético aos 14 ou 15 anos. Escrevia à mão e “engavetava” em agendas. Mas não me vinha ainda a ideia de publicá-los. Comecei, também, a participar de eventos literários como ouvinte e a consumir cada vez mais livros.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Batons, Eucaliptos e Aspirinas” (Drago Editorial). Poderia comentar?

Helder Felix: Batons, Eucaliptos e Aspirinas é meu primeiro livro. Já havia publicado poemas,

contos e crônicas em jornais, revistas, blogs e antologias de concursos literários, porém, Batons... é o primeiro sopro poético. É um livro de poesia que busca semioses.



Há crítica social, reminiscências da infância, alusão a poetas de grande estrela, como Torquato Neto, Rimbaud e Manuel Bandeira. Prevalece versos livres com rimas internas, digamos.

É um livro que apela para imagem.

São poemas em geral narrativos. As figuras de linguagem, como a metáfora são usadas a fim de deixar as lacunas para o leitor participar da construção de significados. Há uma busca pela pluralidade, almejo.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Helder Felix: Não houve tanta pesquisa. O processo foi mais intuitivo. Obviamente, houve um trabalho com a linguagem, com ritmo do livro e dos assuntos que de repente quis tencionar. Foi uma semiose de reminiscências dos meus primeiros versos com o momento da escrita de *Batons...*

O processo de escrita foi até rápido. Aproximadamente 3 ou 4 meses. Entretanto, a concepção remota versos verdes da adolescência até a concretude dos poemas que de fato entraram no livro.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

Helder Felix: Poderia destacar vários que me dizem muito e que acredito – humildemente – poderem apontar caminhos para o sentir, o questionar. Mas como recorte, sintetizo com o verso: “mas de uma coisa é bela/continua enxergando poesia na vida” (*A Fábrica de Poemas*). Penso ser um verso de esperança que aponta para irmos, para lutarmos por dias melhores. Para vermos o belo na vida nos pormenores. No instante. Breve. Eterno e quiçá sempre pulsante. É um dos

caminhos que de repente o poema – e o livro – direciona.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Helder Felix: A Drago Editorial comercializa *Batons*, *Eucaliptos* e *Aspirinas* no site da editora: www.dragoeditorial.com

E mantém contato com os interessados

(contato@dragoeditorial.com)

Aproveito o espaço para deixar meu e-mail

(juniorrusso.felix@gmail.com)

para aqueles que se interessarem em interagir, em discutir e/ou comentar sobre o livro. Julgo relevante o contato texto-escritor-leitor.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Helder Felix: Há vários na mente e alguns já materializados, ao menos nos meus arquivos. Pretendo lançar o meu segundo livro de poesia, *Insultos Poéticos* e *Outros Cactos* no primeiro semestre de 2019. Há outros 6 livros de poesia e um de conto já prontos. Esperando

oportunidades. Atualmente, pesquiso e rabisco as temáticas para outro livro de contos. Em 2019, pretendo publicar esses projetos e iniciar a escrita do meu primeiro romance com 6 títulos provisórios por enquanto.

Perguntas rápidas:

Um livro: Dom Casmurro, Machado de Assis.

Um (a) autor (a): Carlos Drummond de Andrade.

Um ator ou atriz: Marcos Nanini

Um filme: O Ensaio sobre a Cegueira (homônimo do clássico de José Saramago)

Um dia especial: 22 de fevereiro de 1985

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Helder Felix: Agradeço a Conexão Literatura pela oportunidade e parabenizo pelo espaço que é tão importante para os escritores dizerem algo sobre si e sobre seus livros.

Aproveito para agradecer a Drago Editorial por todo apoio em todo o processo de publicação de Batons, Eucaliptos e Aspirinas. E espero que as editoras olhem um pouco mais para os novos escritores nacionais.

Há muitos escribas pátrios de extrema qualidade estética que não publicam ou publicam menos do que desejam por falta de espaço no mercado editorial brasileiro. E que a Literatura e a Cultura sejam mais valorizadas em nosso país.



Traveling Between Pages

www.travelingbetweenpages.com.br

Para os apaixonados por livros e entretenimento.

 /travelingbp  /travelingbetweenpages  /TravelingBP



www.livreando.com.br

Um blog sobre nossa maior paixão: Livros!

 /bloglivreando  /bloglivreando  /BlogLivreando

HARLEY WANZELLER

Autor do livro "Janelas da Alma"

Por Ademir Pascale
ademirpascale@gmail.com



Harley Wanzeller é um escritor politicamente incorreto, nascido em Belém do Pará. Iniciou timidamente seus escritos quando criança e, desde então, caneta, papel e computador passaram a ser companheiros íntimos de um jovem que sonhava com o mundo das palavras. Além da paixão por livros, nutria o sonho de tornar-se magistrado, o que realizou aos 24 anos quando ingressou nos quadros da magistratura federal, perante o Tribunal Regional do Trabalho da 8a. Região.

Atualmente, é juiz titular, faz parte do movimento nacional Magistratura Independente e do Movimento de Combate à Impunidade, ligado ao Instituto de Estudos para o Combate à Impunidade, sendo o único juiz trabalhista brasileiro convidado a compor os quadros do Instituto, até então.

A paixão pelas letras o fez escritor e poeta conservador contemporâneo, mantenedor do projeto "Janelas da Alma", destinado à difusão da literatura hodierna "politicamente incorreta".

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores

como foi o seu início no meio literário?

Harley Wanzeller: Eu sempre gostei de ler. Quando tinha 12 anos, iniciei meus primeiros textos de forma rudimentar, tentando simular, por pura intuição, a métrica que encontrava nos textos poéticos que lia. Obviamente, não passava de um exercício lúdico que certamente ajudou em minha formação. Passei a encontrar maior inspiração aos 22 anos, quando entrei em contato com a obra de Khalil Gibran. O livro “O Profeta” foi um divisor de águas. Quando aliei esta

experiência aos textos de Carlos Drummond de Andrade, passei a me desapegar da métrica e me concentrar no lírico, abraçando o estilo poético contemporâneo.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Janelas da alma - Os Escritos de um poeta politicamente Incorreto” (Drago Editorial). Poderia comentar?

Harley Wanzeller: Sempre escrevi. E como muitos fazem,

mantinha os textos em um arquivo, bem guardado. Talvez, a timidez de expor ao mundo os meus pensamentos tenha feito isso. Mas um dia, tomei coragem pelo incentivo de minha esposa,

Thaysa Luanna, e dei início ao projeto “Janelas da Alma”, uma página criada para divulgação de meus textos. Quando criei a página, percebi que meus pensamentos encontravam aceitação junto ao público conservador, pois não abordavam somente os temas que

ordinariamente encontramos em textos poéticos, como amor, paixão e relacionamentos de um modo geral.

O público me impulsionou na continuidade do trabalho, e o livro veio como consequência natural.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?



Harley Wanzeller: A poesia não nasce propriamente de uma pesquisa. O processo de criação é extremamente curioso, e devemos estar atentos a tudo. Vivo com bloco de notas [smartphone, ou caderninho mesmo], para anotar qualquer frase que me ocorra. A inspiração não tem hora nem lugar para surgir. Ela simplesmente toma conta do escritor, que acaba sendo um mero condutor das ideias e palavras ao papel. Na verdade, as palavras e as ideias tomam posse de seu espaço no mundo, usando o poeta como mero instrumento. Por isso, sempre tenho o bloco comigo, pois não sei em qual momento Deus me presenteará com seus conselhos e inspirações.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

Harley Wanzeller: Honestamente, o livro é um todo feito de partes independentes. E cada uma destas partes representa, em si, minha maneira de enxergar a vida. Mas, posso destacar alguns poemas que me marcaram muito, em decorrência dos acontecimentos políticos, como “Nação Ferida”,

“Inferno de Gramsci” e “E agora, Drummond?” - este último, um verdadeiro sonho realizado, pois admiro muito a obra de Carlos Drummond de Andrade, apesar de ter convicções políticas bem diferentes das apresentadas por ele, em vida. Além destes, marcaram-me, pessoalmente, os poemas “Eu e você” [feito para minha esposa], além dos poemas que fiz inspirado em meus filhos, como “Arco-íris”, “O Tempo e a Tartaruga” e “Dois meses de um amor”. Enfim, selecionar um texto é muito difícil [risos].

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Harley Wanzeller: O leitor poderá adquirir o livro pela loja virtual da editora, através do site <http://m.livrariadrageditorial.com/> . Poderá, também, ter contato com o trabalho a partir dos canais no Facebook [www.facebook.com.br/poesiajanelasdaalma], Instagram [[@poesiajanelasdaalma](https://www.instagram.com/poesiajanelasdaalma)], e pelo site www.poesiajanelasdaalma.com.br . Nestes espaços, publico de

forma periódica poemas novos, além de artigos meus e de outros autores.

Pelo site, o leitor terá uma experiência complementar ao conteúdo do livro, eis que teremos a interação da poesia com recursos audiovisuais, como fotos e vídeos.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Harley Wanzeller: Sim. Ao menos três. Um, seria a continuidade do projeto, com publicação de novos poemas. Outro, seria a criação da “audiopoesia“, com os textos falados, acessíveis a partir de plataformas de álbuns musicais como Spotify, Apple Music, Deezer, e outras. O terceiro projeto, um segredo [risos].

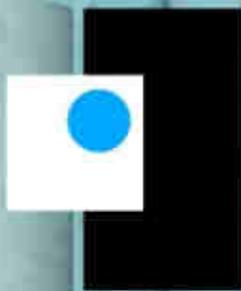
Perguntas rápidas:

Um livro: A abolição do Homem, de C.S.Lewis

Um (a) autor (a): Tenho vários... [risos]. Mas cito três: C.S.Lewis, G.K. Chesterton e meu grande amigo, Percival Puggina.
Um ator ou atriz: Regina Duarte
Um filme: A lista de Schindler
Um dia especial: Meu casamento, e os nascimentos de meus 3 filhos.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Harley Wanzeller: “As pessoas incapazes de respeitar o pensamento alheio são exatamente aquelas que não convivem com suas próprias rejeições“. Um pensamento exposto no início do poema “O Intolerante“, que tenho como apropriado para os dias atuais. A real tolerância pouco ou nada tem a ver com concordância. Que as pessoas entendam isso. Entendam o significado da palavra “respeito“, e abram as Janelas de suas Almas para a vida!



TOMO LITERÁRIO

Um blog sobre livros

www.tomoliterario.blogspot.com

 @Tomoliterario

 @Tomoliterario

 Tomo Literario

Lançamentos

Resenhas

Escritores

Indicações



Natal *por Miriam Santiago* Especial

Eu o vejo, porém não agora;
Eu o contemplo, porém não de perto.
De Jacob nascerá uma estrela,
E de Israel se levantará um cetro,
Que esmagará as fronteiras de Moabe
E o crânio de todos os descendentes de Sete.
Profecia da Estrela - livro de Números.

Uma imensa luz cruzou o céu do oriente, Babilônia e Pérsia, os centros da astrologia na época, antes de Cristo, direcionando o mundo para a luz eterna. A Estrela de Belém ou Estrela de Natal revelou e indicou o nascimento do Messias, selando um caminho, um rumo para a

Humanidade à verdade eterna da bondade e amor ao próximo.

E a Terra recebeu essa luz que multiplica o amor há dois mil e dezoito anos no coração de quem crê em sua essência.

...

Era dia 24 de dezembro de 2018, quando o telescópio espacial Hubble, assim como os

demais que existem no mundo captaram um fecho de luz se aproximando no Universo, vindo em direção à órbita da Terra.

A Cidade Astronômica de Pingtang, na província de Guizhou, sudoeste da China, local onde funciona o gigantesco telescópio FAST, assim como no Observatório Europeu, onde também existe o Espresso, os dois maiores telescópios da atualidade, detectaram essa luminosidade se aproximando, que, a princípio, se pensara num cometa qualquer ou mesmo no Halley, mas seria impossível já que sua “próxima visita” ainda está longe, calculada a 28 de julho de 2061, e essa possibilidade foi descartada.

A incógnita mexeu com cientistas, astrofísicos, astrônomos e tantos outros profissionais que estudam o Espaço, sem nenhuma resposta plausível. Especulações e notícias “fakes”, que estão em moda encheram os noticiários e todo tipo de mídia.

O fecho de luz, no entanto, diminuiu sua velocidade, mas continuou avançando em nossa direção. Algo assim inexplicável! — Pai, se nem os Estados Unidos têm uma solução, acho que devemos nos preocupar — disse meu filho de 10 anos.

Sentimentos e preocupações mexeram com a cabeça do ser humano, o fez sentir-se pequeno demais em relação ao Universo e o pior de tudo, a sensação da falta de proteção. Sim, estamos expostos a qualquer coisa, um meteoro que possa colidir, cair e devastar uma área ou cidade, um satélite ou o que mais entrar no campo gravitacional do planeta e nada poderá nos defender ou nos abrigar.

Nenhuma outra notícia fora tão fatal quanto essa de sabe-se lá o que. Os telescópios entraram em colapso quando a luz agora com total intensidade percorreu em sua velocidade máxima existencial e entrou na atmosfera terrestre no dia 25.

Como se fosse uma bola de fogo, ou fecho quilométrico de luz ou ainda uma estrela reluzente, a intensidade de luz marcou o céu da Terra de ponta a ponta, indo à localização de Belém. Permanecendo por poucos segundos o fecho de luz movimentou-se rapidamente para fora da Terra seguindo sua rota no Universo.

Muitas pessoas boquiabertas conseguiram enxergar o fenômeno, e muitos ainda continuaram na profunda “escuridão”. A luz, infelizmente, não é para todos!

Depois do sufocante acontecimento o mundo suspirou aliviado: estamos vivos! E os telescópios voltaram a funcionar normalmente registrando apenas a luz bem de longe seguindo rota celeste. E aproveitando o início do dia de Natal senti, pela primeira vez, o mundo diferente, mais leve e aliviado. Na televisão, violência e notícias ruins contendo pessoas inescrupulosas deram vez ao amor sem barreiras e a humildade do espírito de solidariedade.

Utopia tudo isso? Sim, é claro, mas deixa essa força do bem entrar na Humanidade que seja apenas uma vez! Vamos sonhar um mundo colorido, sem preconceito quanto à cor da pele

ou classe social, sem demagogia, inveja e maldade. Que venha a multiplicação do pão, que possamos beber numa única taça!

Desejo um Natal maravilhoso a todos os amigos e leitores e um feliz início de ano a todos nós!

...

Como se quisesse firmar que sua missão na Terra teria se cumprido com a Profecia da Estrela e que outros lugares celestes ainda carecem de luz, o facho incandescente continuou sua rota conforme detalhamento do Hubble, seguindo à Galáxia Olho Negro, ou como seus apelidos do “Olho Negro”, “Olho Mau” ou “Mancha Escura”.

Míriam Santiago é jornalista e atua em assessoria de Comunicação. Desde que se formou também em Letras, publica livros de gêneros diversificados. Escreve contos, crônicas, minicontos e nanocontos. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, fotografia, cursos, antologias, livros e eventos, entre outros. Blog: miriammorganuns.blogspot.com. Contato: miriansssantos@gmail.com.



POR ROBERTO SCHIMA

DESPERTAR NO PLANETA VERMELHO

Era uma vez um mundo de sonho.
Construído de mitos, de falsas impressões, de fantasias deliberadas.
Um mundo do qual se escreveram inúmeras histórias.
Porém, a maior delas ainda aguardava o momento de ser contada.

Sim, fora lá, cercada por dunas, rochas e crateras de todos os tamanhos e formatos.

Lá, na vasta Planície do Redemoinho Vermelho... em Marte.

Sim... No planeta de solo ferruginoso, cor de sangue, cujo

nome de milênios carregava dentro de si uma trágica premonição, uma referência ao antigo e cruel deus da guerra, acompanhado por seus filhos, Medo e Terror.

Lá, naquelas areias de aparência plácida, cujas dunas em perpétuo movimento apagavam

qualquer vestígio, ocorrera a maior de todas as batalhas entre humanos e não-humanos, os marcianos. Já fazia seis séculos - pelo tempo da Terra - e, agora, isso tornara-se parte das aulas de História peneirada pelo crivo ufanista dos vitoriosos.

Muitos morreram.

Sangue e lágrimas congelaram.

Corpos mumificaram.

As cicatrizes foram rapidamente lavadas por tempestades de poeira e geadas de gelo seco.

Professores perguntavam vezes sem conta:

— Crianças, qual é o nome dessa batalha?

— A Batalha da Soberania! - gritavam os alunos.

Esse conflito fora decisivo para a posse do quarto planeta pelos invasores da Terra.

— Pelos colonos! — retificavam apressadamente os professores.

— Colonos! Guardem bem isso ou irão de castigo conversar com o diretor. Querem isso? Não? Ótimo! Então, digam para mim, quem foram os nossos antepassados?

— Colonos!

— Repitam!

— CO-LO-NOS!

E os mestres doutrinados anuiam satisfeitos ao repartir sua herança, sua doutrina a eles próprios igualmente repisada desde a mais tenra infância.

Todavia, através da lupa da verdade, não seria difícil observar e demonstrar para aqueles cujos olhos se mostrassem interessados em ver.

A humanidade, desesperada diante da situação insustentável em que seu planeta de origem se encontrava, buscava havia tempos outras opções, um novo lar. E Marte fora a escolha mais plausível, apesar de sua tênue atmosfera de dióxido de carbono, da baixa gravidade e da aridez congelante de seu solo.

A Terra resistira ao máximo e heroicamente a toda sorte de abusos decorrente do excesso da população humana e de seu temperamento de caráter duvidoso: dejetos industriais, desmatamento, extinção das espécies, envenenamento das águas, chuvas ácidas, destruição

da camada de ozônio, mudanças climáticas. A lista tediosa não tinha fim. Que futuro poder-se-ia esperar de uma espécie que, diante da catástrofe, em vez de socorrer as vítimas, para lá se dirigia a fim de saquear seus pertences? Advertências foram sistematicamente dadas e solenemente ignoradas. Interesses políticos e econômicos de natureza mesquinha e imediata sobrepuseram-se a soluções de longo alcance que beneficiariam as gerações vindouras. Gerações futuras? As gerações futuras que se virassem.

Não tardara a ocorrer.

Cedo ou tarde, teriam que se virar de fato.

Era uma velha cantinela repetida vezes sem conta, uma lição repassada, porém, jamais aprendida: guerras, fome e peste. Por fim, o quarto cavaleiro grassara pela superfície, ceifando a tudo e a todos em seu caminho. Existia até uma frase, um chavão - alguns chamariam de epitáfio -, espalhado por uma minoria tão consciente quanto impotente:

"A Humanidade não aprende com seus erros porque aqueles que aprenderam estão mortos. Cada nova geração nasce sem memória, livre e apta (ávida?) a cometê-los novamente."

De forma geral, a compreensão chegara tarde demais. O tiro no pé fora dado fazia muito e muito tempo atrás. A ferida gangrenara.

— O quê vamos fazer? — gritaram os políticos, habitualmente inflados de respostas. Os frutos da corrupção ocultos em contas clandestinas não poderiam salvá-los. — O quê?

A Lua era uma esfera próxima e linda, entretanto, absolutamente hostil e estéril.

Terraformizar Vênus demandaria uma tecnologia e, principalmente, um tempo que a humanidade não dispunha.

Ah, e quanto àquele errante pontinho vermelho no céu? Aquele que ia e vinha entre as constelações no decorrer das semanas?

Marte?

Sim.

Ele aparentava ser a escolha mais acolhedora. Apesar dos senões, havia água em abundância, concentrada nos pólos e sob a sua superfície. Possuía estações ao longo do ano. Até o seu dia era de pouco mais de vinte e quatro horas. De todos os planetas, era o que possuía o histórico mais rico em termos de folclore em relação à Terra. Havia algo de amistoso em relação a Marte, algo de convidativo e, em meio à crise, algo de essencial.

Marte.

Assim, na calada de suas salas de reuniões, inteligências ávidas e sem piedade, dotadas de olhares cobiçosos, perscrutaram o Planeta Vermelho. Fizeram-no tão minuciosamente quanto um cientista a examinar infusórios sob as lentes de um microscópio. E planejaram.

Utilizando-se de uma batuta imaginária, os professores regiam as suas pequenas orquestras.

— Marte! Marte! Marte! — cantarolavam as crianças nas salas de aula. - Marte! Marte! Marte!

Do outro lado das vidraças, viam-se os contornos rosados das crateras e das colinas distantes.

E tudo parecia uma brincadeira. Tudo era uma festa sob o pequeno sol marciano.

Numa dessas salas de aula, um dos garotos cutucou o outro a sua frente.

— Que amolação, Ed. Essa chatice não tem fim?

— Não esquenta, George — respondeu o garoto mais robusto. — Faz a vontade do velhote. Finge que está cantando e ficará tudo bem.

George fez uma careta, realçando o nariz arrebitado, mas, logo em seguida, substituiu-a por um sorriso. Sussurrou:

— Ainda bem que o feriado está chegando.

— É isso aí. E os tesouros nos esperam.

— Legal! — E apontando com o olhar para um garoto de cabelos espetados, tímido e franzino na

primeira fila. - Vai chamar o Espinha também?

O colega fez uma expressão debochada.

— Vamos deixá-lo ir. Poderá pagar doces para nós novamente.

— Para alguma coisa ele tem que servir.

E riram.

O professor — alto e magro feito um palito de fósforo — parou de reger e fez cara de bravo.

— Vocês dois, George e Edgar, o que estão cochichando?

— Sobre quão maravilhosa foi a colonização de Marte pelos pioneiros, 'fessor! — respondeu Edgar.

— Professor Percival, faz favor.

— Sim, senhor, Professor Percival!

A severidade do semblante do homem atenuou-se.

— Muito bem... Muito bem! Maravilhosa sem dúvida a saga dos nossos colonos. Um legítimo épico! Mas agora é hora de cantar, garotos. Portanto, cantem!

— Marte! Marte! Marte! — cantarolou o garoto encorpado a plenos pulmões. — Maaarteee!

O restante da turma riu.

George, o colega de trás, deu-lhe um cutucão. Não pôde deixar de sentir admiração pelo outro e a resposta que ele sempre parecia trazer pronta na ponta da língua.

Só existia um detalhe nos planos de salvação, um pequenino problema: os marcianos.

As primeiras sondas não os revelaram. Nem os veículos não tripulados que por lá caminharam entre as crateras, as colinas e os cânions.

Os nativos souberam camuflar-se e às suas cidades nas profundidades da garganta geológica que os humanos chamaram de Valles Marineris e outros locais inacessíveis. Obviamente, os marcianos tinham seus próprios nomes para a geografia de seu próprio planeta, e, inclusive, para o planeta em si, cuja denominação em idioma nativo, certamente, não seria Barsoom.

Fora dado aos primeiros seres humanos a pisarem no quarto planeta — os agora reverenciados tripulantes da

nave HLA 10048 -, após uma longa e perigosa viagem, a honra da descoberta de vida, vida inteligente. Uma honra que, de acordo com a versão corrente na Terra, pagaram com o próprio sangue.

E todos bradaram indignados:

— Assassinos!

A indignação adquirira contornos de revolta ao serem veiculadas informações de que uma das mulheres a bordo engravidara no espaço. O primeiro ser humano que viria a nascer em Marte morrera sem conhecer a luz do dia.

— Assassinos! Assassinos!
Assassinos!

Os marcianos não eram homenzinhos verdes, nem balões de fogo azuis, não possuíam veículos de três pés ou tinham quatro braços. Bem, mais ou menos isso: oito na verdade - como os aracnídeos, que não eram insetos. Os habitantes de Marte eram semelhantes a gafanhotos sobre uma plantação de trigo. Ocupavam boa parte do planeta em suas habitações em forma de pirâmide de base octogonal e não foram nada

amistosos às primeiras tentativas de aproximação. Algo além do instinto os alertara. A primeira nave tripulada terrestre, a HLA 10048, sofrera uma pane durante a aterrissagem e colidira com diversas dessas pirâmides, deixando um rastro de morte. Aqueles homens que sobreviveram, ao verem-se rodeados por tais criaturas, apavoraram-se e acionaram os foguetes, incinerando diversas delas.

Esses eram os fatos.

Como os marcianos poderiam não reagir?

Sua tecnologia era rudimentar, embora indícios arqueológicos posteriores indicassem terem tido eles uma civilização bastante próspera e avançada incontáveis milênios atrás, quando a atmosfera era mais densa e as águas ainda fluíam por seus canais. Pouco puderam fazer para impedir a leva migratória vinda do espaço.

— Assassinos! Assassinos!
Assassinos! — A propaganda repetira sem cessar até os marcianos se tornarem a

personificação do mal. —
Assassiiiiinoos!

Sempre fora assim: um boato repetido mil vezes tornava-se verdade.

Como dissera um deputado na época: os marcianos não tinham um problema, eles eram o problema.

E o "problema" fora resolvido importando da Terra a tecnologia de destruição em massa com a qual os seres humanos estavam havia tempo familiarizados em utilizar entre os de sua própria espécie.

Marte e Morte tornaram-se somente uma mera questão de vogal.

Planície do Redemoinho Vermelho.

Fora o último bastião daquele povo antigo cuja aparência geral, de fato, fazia pensar em insetos, especialmente pelas antenas e os olhos imensos, multifacetados. Eles resistiram o quanto puderam, armados de elmos, escudos, fundas e lanças.

Entretando, em vez de um ataque direto, a princípio, os estrategistas militares da Terra concentraram-se nas ninhadas dos marcianos. Destruindo principalmente suas crias, teorizaram, destruiriam o alicerce do inimigo para o futuro. Depois, foi só eliminar as suas fontes de alimento, suas plantações de fungos e pequenos rebanhos de criaturas de múltiplas patas. E, por fim, envenená-los através dos dispositivos exaladores de oxigênio - que lhes era mortal. Os mesmos aparelhos que contribuíram para tornar a atmosfera respirável aos humanos.

E assim, feito uma chaga a propagar-se através do corpo do Sistema Solar, a humanidade - os afortunados eleitos, pelo menos - abandonara à própria sorte a Terra devastada e migrara aos milhares para o Planeta Vermelho.

Alguns políticos até conseguiram comprar suas passagens. A estes seriam devidas as sementes da futura doutrinação. Outros sucumbiram, não importasse a

fortuna que tivessem acumulado em seus cofres.

Atualmente, a Planície do Redemoinho Vermelho tornara-se uma famosa atração turística. Pessoas vinham de longe, até dos pólos, para visitá-la. Os guias nos veículos de areia narravam as velhas histórias de heroísmo e coragem de seus ancestrais. Ruínas de foguetes foram transformadas em monumentos; chacinas, camufladas em atos de bravura; genocídio, pincelado de poesias. Omissões convenientes transitavam ao lado de exageros grandiloquentes. Mas nem todos se interessavam. Sabiam de cor e salteado. Estavam fartos. Desejavam somente preencher seus vazios interiores com o majestoso vazio do lugar. Sentir o vento. Tatear as mãos sem luvas na gélida areia macia. Ouvir os sussurros do silêncio narrar em seus ouvidos as entrelinhas de outras histórias. — A Batalha da Soberania! — respondiam os alunos nas

excursões programadas. - Marte! Morte!

A atmosfera adensara-se durante os séculos. O efeito estufa amenizara o rigor do inverno perpétuo.

As pessoas passeavam, encantadas por aquele cenário de vales, dunas e colinas avermelhadas, diferente do aglomerado urbano onde viviam entre os paredões das crateras. As florestas, após vários experimentos, agora cresciam rapidamente, contribuindo na produção de oxigênio. Inclusive, um fio de água já corria através das árvores nos vales mais profundos, fazendo recordar tempos remotos dos quais não tinham a menor lembrança.

O silêncio era aconchegante.

A solidão tornava-se uma amiga silenciosa para além do horizonte.

E a dimensão dos espaços vazios dava a real perspectiva da pequenez de seus problemas.

Mas isso não seria empecilho para os guias criarem suas próprias fantasias aos sequiosos turistas.

Muitos garotos bem agasalhados perambulavam através do chão poeirento.

— Vamos caçar tesouros! — gritou Edgar para os seus colegas próximos.

Os outros meninos gritaram em reposta:

— Vamos lá, cambada!

— Lembrem-se: quem achar o melhor tesouro vence. E quem não achar nada ou achar o pior?

— É um cabeça de barata! - responderam em coro.

"Cabeça de barata" fora o apelido dado pelos primeiros soldados em Marte aos marcianos. Era considerado o maior dos insultos.

— Isso! — concordou Edgar, ar debochado. - E, como sabem, ainda terá que pagar guloseimas para todo mundo.

— Vivaaa!

Constituíam-se um passatempo popular na região, caçar "tesouros". Até alguns adultos aventuravam-se nele. Consistia em cavoucar o terreno avermelhado atrás de vestígios da guerra: um cartucho vazio,

um fragmento de bomba, um caco de cerâmica, os restos carbonizados de algum marciano. Encontrar um elmo ou um escudo amassado de um "cabeça de barata" era o mais cobiçado dos prêmios e poder-se-ia conseguir um preço razoável no comércio de relíquias ou para o museu. Chaveiros e pingentes de projéteis tornaram-se artigos da moda. Todavia, era vedado o uso de detetores de metal ou qualquer outro artifício para facilitar a busca. Num certo sentido, para aquele que inventara a brincadeira, encontrar algum artefato não era o objetivo em si próprio. A busca constituía-se no verdadeiro caminho e no verdadeiro fim. Uma maneira de encontrar a si próprio.

Naturalmente, as crianças e a maior parte dos adultos que participavam estavam pouco se lixando para pensamentos tão transcendentes. Um ou outro, secretamente, poderia até se perguntar se a idéia do criador desse jogo não seria a de levar as pessoas na quietude do deserto e

na grandiosidade daquele cenário a refletirem sobre a natureza da guerra e os sofrimentos causados para ambos os lados. Contudo, não era algo a ser dito em voz alta, embora tais sentimentos não deixassem de acompanhá-los na volta para casa.

— Vamos, Espinha, mexa o seu traseiro e venha cavoucar alguma coisa — incitou o garoto que se achava o líder da turma àquele outro, mais franzino, que ficara parado no alto da colina. — Vem logo!

Sem pensar, Douglas — esse era o nome do Espinha — coçou com a mão enluvada uma daquelas benditas porcarias que enfeitavam seu rosto e deram origem ao malfadado apelido.

Era um garoto mirrado, mais franzino do que a maioria de sua idade. Ele tinha quase cinco anos. Anos de Marte, bem entendido, que equivaleria quase ao dobro do ano passado na Terra. Isso fora um problema menor para os pioneiros, entretanto, teria de ser resolvido após o conflito. O tempo de rotação em Marte de vinte e

quatro horas, semelhante ao da Terra, facilitara sobremaneira e tornara-se a base.

Quanto ao mês, na Terra correspondia ao período de órbita da Lua ao seu redor, o que não teria cabimento no Planeta Vermelho com suas duas pequenas luas, cada qual circundando Marte em seu próprio tempo. Os colonos poderiam ter aumentado o número de meses no decorrer de um ano para manter a média de trinta dias a cada mês, porém, a partir de um tratado, preservaram a tradição suméria dos dozes meses e simplesmente consideraram cada mês como tendo cerca de cinquenta e sete dias.

Assim, se o garoto Douglas tivesse nascido na Terra, contaria quase nove anos e meio. Costumava acompanhar os colegas menos para coletar destroços do que para se sentir parte de um grupo.

Não que isso ajudasse muito. Estivesse sozinho ou acompanhado, dentro de si havia sempre uma sensação de se

sentir deslocado, um pária; como se não fizesse parte de tudo aquilo, daquele lugar, daquele tempo, daquela gente.

— Vamos logo, Espinha! — gritou um coro impaciente de meninos lá embaixo.

Douglas podia vê-los claramente: Edgar, George, Giovanni, Carl e Orson. "O bando terrível", como se autodenominavam numa falta de modéstia típica da idade.

Meio de má vontade e para não ser alvo de mais zombarias — o que tampouco adiantava, pois, quanto menos desejava chamar a atenção, mais chamava —, ele retirou sua pá de dentro da mochila e foi.

Não era desagradável mexer na poeira, na areia, no cascalho e na terra. Frequentemente, os pensamentos de Douglas perdiam-se entre os grãos e vagavam longe, enquanto os dedos deixavam a areia escorrer feito o interior de uma ampulheta. Se pudesse expor em palavras, Douglas diria que havia um universo inteiro naqueles

minúsculos grãos, em cada um deles, para quem soubesse parar, olhar, divagar e compreender.

Decerto o criador do passatempo teria aprovado.

Todavia, ao passar das horas, escolheu um lugar mais afastado, rochoso, geralmente ignorado, pois a probabilidade de se achar algo naqueles rochedos que os ventos já não houvessem revelado era mínima. E quem iria cavar através das pesadas rochas para encontrar mais rochas ainda?

Mas Douglas foi para lá de qualquer jeito. Assim, poderia ficar sozinho e também fazer de conta que participava da brincadeira. De qualquer modo, lidar com as pedras, tanto quanto a areia, não era tão ruim. Poderia encontrar um mineral diferente, um fragmento de meteorito, um fóssil ou, quem sabe, um geodo contendo cristal da época em que Marte possuía um oceano. Seus professores diziam ter ele vocação para geólogo. Provavelmente, tinham razão. Tinha que ser alguém de uma timidez filosófica e uma pitada de esquisitice para se

apaixonar por um punhado de pedras.

Um dos meninos, Orson, apontou para Douglas lá longe e, com sua característica entonação esnobe, comentou:

— Olha só aquele panaca, Edgar. O que espera encontrar naquela pedreira?

— Pedras! — respondeu num tom jocosos o pretenso líder enquanto cavoucava.

— Vai acabar se machucando - emendou Carl, o intelectual do grupo. — Os joelhos dele vivem esfolados.

Orson, oriundo de uma família que enriquecera explorando minerais de ferro, deu de ombros.

— Deixa ele pra lá. É um boboca. Nem sei por que a gente aceitou ele na turma.

Giovanni, um garoto moreno de nariz adunco, concordou:

— É, o cara vive no mundo das luas. Ele...

Nesse ínterim, os olhos de Edgar arregalaram-se. Gritou:

— Ei, George! Acho que encontrei alguma coisa.

— O quê? — perguntou o garoto de nariz arrebitado, aproximando-se.

— Não sei, deixa eu cavar mais um pouco. Dêem-me espaço! É... Eu acho... Vejam só, panacas! Um pedaço de antena dos marcianos!

Os outros garotos acotovelaram-se em volta dele.

— Uau! — fez Carl. — É de uma fêmea.

— Caramba! — exclamou Orson.

— Cara de sorte, Ed — disse Giovanni, sem esconder a inveja.

— Você pode conseguir uns bons cobses lá na feira — arrematou George.

Edgar empertigou-se. Falou:

— Sorte não, Gio, isso se chama habilidade. — Aproximou o achado do nariz. Era negro feito carvão. Fez uma careta. - Hum... Ainda bem que esse troço está mumificado. Dizem que os marcianos fediam horrores.

Os outros riram.

— Vamos lá, seus cabeças de barata, continuem! — gritou o descobridor. — Acho que eu já ganhei essa parada.

Uma rajada de vento levava uma das últimas frases aos ouvidos de Douglas.

"... os marcianos fediam horrores..."

O garoto mirrado nunca conseguira engolir esse tipo de boato. Afinal, a história era escrita pelos vencedores, não era? E toda sorte de impropérios e difamações fora lançada contra os marcianos na época.

Os vestígios da cultura marciana foram sistematicamente destruídos no pós-guerra, mais arrasados do que fizeram Alexandre, o Grande, e seus homens em relação à Persépolis. As habitações milenares tornaram-se escombros. Fundiram-se as obras de arte em metal e vidro. Livros de pedra foram moídos ou utilizados nas construções dos monumentos heróicos dos antigos habitantes da Terra. Sua música, sua poesia, seus ideais, seus sonhos, suas vozes calaram-se para sempre. Sem prisioneiros.

"Como eu teria me sentido se alguém, sem provocação

alguma, invadissem a minha casa e matassem toda a minha família?"

Douglas perguntava-se isso de vez em quando.

Para ele, o "Grande" de Alexandre representava somente a dimensão de seus assassinatos. Certa feita, imprudente, fizera essa pergunta ao Professor Percival. Este apresentara-o imediatamente à sala do diretor, onde levava um sermão de quase uma hora sobre patriotismo e ainda tivera que aguardar seu pai ir buscá-lo, o que gerara outro sermão em casa e só não apanhara porque a mãe interferira. Seu pai nunca havia erguido a mão para ele antes. Ficara profundamente magoado, pois, no seu entender, não fizera nada de errado. Ouvira: "Um dia irá compreender", porém, não acreditara. Um de seus ancestrais por parte de pai participara da guerra e fora até condecorado. Douglas perguntava-se quantos marcianos teriam sido mortos por esse antepassado ilustre para receber tal "honraria". Claro que, agora precavido, jamais

formularia tamanha heresia em voz alta.

Teria feito cinzeiro das patas deles?

Confeccionara abajures com suas cabeças?

Executara-os em arenas improvisadas?

O menino aprendera sobre isso em certas gravuras de um livro que o pai guardava a sete chaves, mas que um dia esquecera sobre o criado-mudo. Não deixava de ser estranho: o livro fora proibido fazia gerações. Por que o pai corria tamanho risco ao conservar um exemplar? Algo não se encaixava.

Repentinamente, enquanto batia a sua pequena pá em uma rocha, escutou um som diferente. Franziu a testa. Era um som oco. Girou a cabeça na direção de seus colegas. Eles estavam distraídos, ainda comemoravam o achado da antena e cavavam animadamente no mesmo lugar, em círculos cada vez maiores, para ver se encontravam mais "tesouros" do mesmo cadáver para vender. Balançou a cabeça, desanimado.

Certa vez, Douglas fora na casa de Orson, o colega mais abastado, e vira o corpo mumificado quase completo de um bebê marciano exposto em uma caixa de vidro. Era considerado o objeto de decoração mais valioso e até um sinal de "status" entre os mais chegados. Ficara enojado daquela gente e mal conseguira disfarçar o seu desagrado.

Por cautela, Douglas olhou ainda pelos arredores, para os outros visitantes.

Suspirou aliviado.

Era uma manhã amena.

O vento soprava agradável pelos desfiladeiros marcianos. No céu, poucas nuvens conseguiam se formar. Famílias faziam piqueniques, casais namoravam, crianças mais novas corriam na beira do córrego sob o olhar atento dos pais, adultos discutiam a importância de suas leviandades.

Sentiu-se seguro.

Foi tateando devagar e retirando a areia do pé do rochedo. Cavou e cavou e cavou. As luvas atrapalhavam. Tirou-as. Sentiu o contato gelado da rocha. Os

dedos deslizaram pelo que parecia um enorme bloco de granito. Então, ele percebeu alguma coisa.

Era uma reentrância.

Ficara séculos coberta pela areia e poeira do deserto.

O garoto franzino assoprou.

Era regular demais para ser natural. O granito, ao contrários dos cristais, não possuía um ponto de clivagem. Aquela reentrância era reta demais.

Continuou a cavoucar. Ficou ofegante rapidamente, pois o ar em Marte ainda era rarefeito, apesar dos dispositivos exaladores de oxigênio, em versões aprimoradas, continuarem a trabalhar século após século. Finalmente, viu-se diante de um losango desenhado na rocha. Assobiou baixinho. Enfiou a ponta da pá na reentrância e forçou. Demorou algum tempo, mas, finalmente, ela cedeu. Ouviu-se o som de um chiado. Um ar antigo, finalmente, libertou-se. Tinha um odor adocicado. Dentro da rocha estava escuro e levou algum tempo até a visão de Douglas se acostumar. Tateou.

Achou escondido alguns objetos de pedra também em forma de losango. Estavam cobertos de ranhuras. Arregalou os olhos. Embora nunca tivesse visto algum, lera a respeito deles naquele volume raro do pai.

— Livros! — balbuciou.

Livros marcianos.

Uma pequena biblioteca.

Milagrosamente, esses livros haviam escapado da onda de destruição. Uma alma aflita e previdente cuidara de preservar fragmentos de seu mundo para uma posteridade que, ela própria, não viria a conhecer. Um sinal de esperança. Uma prova de fé. Claro, nenhum professor doutrinado pelo governo central iria concordar com isso: alma, esperança e fé oriundas de um marciano. Para quem este rezaria? Teria um único Deus criado os homens e os nativos marcianos igualmente a Sua imagem e semelhança? Absurdo!... Absurdo? Nem Douglas saberia expressar a sua intuição desses conceitos profundos de uma forma clara, menino que era.

Mas o garoto era esperto o suficiente para saber que, se fosse dado a público o seu achado, esses livros inestimáveis logo desapareceriam, provavelmente destruídos. Eram um tesouro, um verdadeiro tesouro de valor incalculável. Seus colegas de escola jamais poderiam avaliar a dimensão daquela preciosidade. Os livros estavam muito além de seu valor material - apenas pedras ou relíquias -, do quanto alguém poderia receber de um mascate na feira ou em uma loja de penhores. Seu valor ia bastante além disso. Eram o testemunho de uma época, de um povo. Traziam a voz de seus autores em seus caracteres estranhos, o seu lado da história. O quê estaria escrito? Douglas desejou ardentemente saber, embora não contasse sequer com o auxílio de uma Pedra de Roseta para isso. Falariam aqueles livros sobre como era belo o seu mundo antes da chegada dos conquistadores? Contariam sobre pais e irmãos, sobre o que faziam os marcianos ou como teriam perecido? Seriam

partituras? Escrituras sagradas? Poesias? Fórmulas matemáticas? Um tratado científico sobre a geologia marciana? Cartas de amor?

As mãos de Douglas tremiam.

Olhou novamente sobre os ombros.

Não, ninguém reparava nele. Mas, se ficasse ali por mais tempo, poderiam reparar.

E, então, mais no fundo daquele nicho dentro do rochedo, ele avistou algo mais. Espremeu os olhos para poder enxergar melhor: era um conjunto de cápsulas oblongas de tonalidade leitosa, lateralmente unidas umas as outras como um cacho e delicadamente guardado no que parecia ser uma caixa metálica forrada com restos de antigos fungos marcianos.

O coração falhou dentro do peito de Douglas.

— Misericórdia!

No sobressalto, bateu a cabeça na rocha. Gemeu de dor.

Com os olhos lacrimejando, pensou: "Não, não pode ser isso. Não, de forma nenhuma!"

"Sim, sim... Sim!", gritou uma voz dentro dele.

Douglas também lera a respeito daquilo que via.

Ovos.

Ovos de marciano!

Agora, misturado à dor, as mãos do garoto tremiam incontrolavelmente. Faltou-lhe ar. Muitas perguntas caóticas turbilhonavam-lhe pela cabeça. Estariam as sementes dentro dos ovos vivas após tantos séculos? Dormentes? Poderiam eclodir? Quanto tempo durariam? Quantos mais estariam espalhados ao redor do planeta?

A contragosto, guardou os livros de pedra que apanhara de volta no fundo do buraco. Colocou a tampa em forma de losango no lugar, usando os pés para empurrá-la o mais forte que pôde. Depois, cobriu tudo com areia e pedras — algumas bem pesadas — de tal maneira não ser mais percebido.

Encostou-se numa rocha relativamente plana. Recolocou as luvas e respirou profundamente. Ainda se sentia zozzo e a cabeça doía. Mexeu no interior da mochila e retirou sua garrafa térmica de chá quente. Tomou um bom gole. Aguardou

mais um pouco até o tremor passar, o coração voltar ao normal e ter de novo o controle sobre a própria respiração. A dor de cabeça reduzira-se a um latejamento contínuo, mas fraco. Apanhou alguns seixos próximos e desceu até onde se encontravam seus colegas. Não o fez em linha reta, mas indo aqui e acolá, fazendo de conta que vasculhava num canto ou outro com sua pazinha.

Douglas já se encontrava perto dos moleques.

Edgar adiantou-se. Seu rosto parecia trazer sempre um meio sorriso debochado:

— E aí, Espinha, demorou, hein? Veja só o que eu encontrei.

O menino de cabelos espetados olhou. Fez-se de admirado, embora, no íntimo, sentisse compaixão pela infeliz criatura.

— Nossa, Ed, um pedaço de antena... Parabéns!

— Não adianta puxar o meu saco. George e Carl encontraram cartuchos. Orson conseguiu uma moeda amassada. Gio achou um

pedaço de cabo de lança. E você, o que descobriu por aí?

Douglas deu de ombros e abriu uma das mãos.

O garoto chamado Giovanni deu uma cotovelada no colega ao seu lado, Carl.

— Olha isso... Pedregulhos! Ah, ah, ah...

Carl tinha cabelos castanhos, curtos e lisos. Olhou atentamente .

— Obsidianas — corrigiu. — Nada mal, embora não tenham a ver com a guerra.

— Pedregulhos! — insistiu o menino de nariz aquilino. Apontou para Douglas. - Você é um otário mesmo.

Os demais garotos, a exceção de Carl, caçoaram em coro:

— Cabeça de barata! Cabeça de barataaa!!!

Edgar levantou os braços.

— Calma, calma, gente — pediu. E voltando-se para Douglas. — Deve-nos doces, Espinha. Vou querer um pedaço de rocambole, um pedaço graaande!

Os outros lamberam os beiços.

De súbito, uma rajada de vento soprou, vinda do sul. Viam-se colunas de poeira distantes

aproximarem-se feito uma procissão de fantasmas.

— Protejam-se — gritou alguém. Pessoas correram em direção aos veículos de areia ou para os rochedos.

Logo, os redemoinhos de poeira vermelha valsaram pela planície, seguidos por outros e mais outros, fazendo jus ao nome do lugar. Geceram e uivaram nos espaços abertos e entre as fissuras nos rochedos. Fizeram eco nos ouvidos e nas almas daqueles presentes ao desfile. Era assustador. Lendas murmuradas entre os mais velhos contavam sobre as almas dos mortos ressurgindo de tempos em tempos para prosseguir em uma contenda sem fim, sem jamais alcançar descanso. A maioria pensou nisso, apesar de procurarem disfarçar, esconder o temor sob hesitantes sorrisos. Eram somente superstições de gente idosa, tentavam se convencer. Entretanto, no íntimo, todos agradeceram por ainda faltar bastante tempo para o cair da gélida noite sob o testemunhar das estrelas.

Os garotos, os adolescentes e os adultos de todas as idades que tinham ido lá passear, protegeram os olhos e o nariz com seus óculos, máscaras ou lenços, sempre disponíveis, até os turbilhões passarem. Pegadas foram apagadas. Vestígios de brincadeiras — assim como, havia muito, os rastros da Batalha da Soberania — desapareceram. Depois que os redemoinhos se foram — a procissão, o desfile —, uma fina chuva de areia caiu do céu. E tudo retornou a calma anterior, quebrada somente pelo coração a bater mais forte dentro do peito.

E os meninos, meio sem graça, prosseguiram a vasculhar o solo avermelhado por mais uma hora sem mais nada de significativo encontrarem.

No final da tarde, retornaram para a cidade no veículo de areia, comemoraram os achados a base de doces e refrigerantes numa lanchonete. Riram e exageraram sobre os seus achados como fariam os antigos pescadores na Terra. Depois, cada qual foi para a sua casa, lamentando o

término do feriado e das guloseimas.

Douglas foi novamente eleito o "cabeça de barata".

Mais uma vez gastou suas economias satisfazendo a gulodice dos colegas.

Não bebeu ou comeu dada a falta de apetite.

Não se queixou das gozações, pensamentos longínquos demais para isso.

Sabia qual deles havia descoberto o tesouro mais valioso de todos.

E a sua fome era outra... fome por respostas.

Não obstante, naquele momento, nem ele próprio tinha consciência da dimensão e profundidade de seu achado; das consequências futuras para si, seu povo e todo o planeta.

A tonalidade rosa do céu vinha cedendo lugar ao azul nos últimos decênios. Quanto tempo mais levaria para vir a se tornar cinzento, tão cinzento quanto a humanidade havia deixado a atmosfera envenenada da Terra?

Essa era outra pergunta que nenhum garoto curioso deveria fazer. Certamente, seria o menor atalho para passar uma tarde inteira na sala do diretor e um mês a mais de reforço nas aulas de doutrinação patriótica. E ninguém deveria sequer cogitar, afinal, no curto espaço de suas vidas ou das próximas gerações, não haveria mais nenhum outro planeta disponível que o ser humano pudesse vir a contaminar. Principalmente após o fracasso da terraformização de Vênus. Pelo menos um benefício surgiu disso: os descendentes dos invasores - colonizadores! -, por mais doutrinados que fossem, ao menos possuíam uma preocupação maior em relação ao meio ambiente. Tinha de ser assim. Ao contrário da Terra, as consequências poderiam ser sentidas em um intervalo de tempo relativamente curto, e não irresponsavelmente postergado a gerações vindouras. O caminho ainda seria longo, todavia, os humanos nascidos em Marte mostravam-se prudentes, mais por necessidade do que pela força de caráter.

"Por que não terraformizar... a Terra?", indagou-se o menino de cabelos espetados. Mas bom senso nunca fora um predicado de sua espécie e, nesse caso, bom senso seria reservar mais essa pergunta para o fundo de sua gaveta íntima onde a fome e a sede nunca eram satisfeitas.

Douglas pagou com satisfação o rocambole para Edgar e as outras guloseimas aos colegas. Mal conseguiu dormir durante noite. Sentia-se sufocar. Apesar do frio, deixou uma pequena fresta na janela, através da qual as estrelas brilhavam. Sua cabeça rodopiava de perguntas e hipóteses. Quando, por fim, adormeceu, remexeu-se todo na cama como se alguém o chacoalhasse.

Foi muito estranho.

Sonhou com bombardeios noturnos nas longas faixas de areia das dunas marcianas. Centenas de naves cruzavam o céu de um horizonte a outro em esteiras de luz, provocando uma tempestade de areia. Fumaça misturava-se ao nevoeiro e a geada de gelo seco. Viu milhares de marcianos correrem no escuro

sem a necessidade de archotes ou de lanternas, guiados por seus olhos enormes e a fraca luminosidade de Fobos. Ou seria Deimos? Era um verdadeiro enxame. Uma multiplicidade de braços, pernas e antenas. Vários foram abatidos.

Um desses marcianos do sonho destacou-se de uma pilha de corpos, rastejou por vários metros e aproximou-se de um paredão rochoso. Estava coberto de cicatrizes das quais brotava um líquido leitoso. Seus membros superiores abertos formavam a figura de um losango. Encostou um deles na parede e o desenho de um losango surgiu; em seguida, apareceu uma abertura, dando-lhe passagem para o interior da rocha.

Apesar da penumbra, Douglas pôde distinguir o brilho de dezenas, centenas de olhos.

Mais adiante, havia uma infinidade de túneis a se perder nas profundezas, toda uma galeria oculta, habitada, sob o solo de Marte. Era como um formigueiro ou cupinzeiro, apesar do menino desconhecer

tanto um quanto outro. Uma tênue luminosidade emanava das paredes. Alguns marcianos começaram a tratar dos ferimentos daquele que entrara através de instrumentos luminosos. Outros gesticulavam suas antenas flexíveis entre si. E havia aqueles que escreviam em tabletes de pedra, utilizando-se de suas garras como se fossem cinzéis: um tipo de ácido escorria através de um orifício na ponta da garra e escrever na rocha assemelhava-se a deslizar um dedo sobre a manteiga. Mas havia outros tipos de livro mais sofisticados: livros de cristal, de metal e de um material parecido com papel ou pergaminho... Seria seda?

Repentinamente, o cenário se abriu.

"Minha nossa!", exclamou o Douglas do sonho.

Câmaras. Grutas. Cavernas. Fendas. Gargantas. Abismos... Lagos!

Pontilhados de luzes - milhares e milhares de luzes -, ao redor, por toda parte. Luzes que se moviam. Vivas. Pequenas

criaturas bioluminescentes.
Larvas.

Tudo isso sob o solo de Marte.

Criaturinhas de dezenas de patas eram ordenhadas em determinadas câmaras; havia milhares delas, movendo-se juntas, coordenadamente.

Escutava-se um burburinho indefinível, sons agudos e estridentes atropelando-se numa cacofonia estranha, porém, não desagradável aos ouvidos. Ecos e mais ecos. E eles ainda cavavam mais e mais túneis. Nos berçários, os filhotes, logo após o eclodir de seus ovos, já saíam a perfurar o solo ferruginoso como se soubessem o que fazer; uma fosforescência suave cobria seus corpos esbranquiçados, dando-lhes uma aparência sobrenatural. Um cheiro leve, doce, pairava na atmosfera enclausurada. Não chegava a ser enjoativo, mas incomodava.

No interior de uma dessas grutas, a sensação era a de se estar dentro de um vasto geodo recheado de cristais, cristais enormes, gigantescos. Colunas quase transparentes entrecruzando-se. Refletiam e

refratavam um bilhão de vezes os incontáveis pontinhos de luz. E o Douglas do sonho pensou: deveria ser assim o interior de uma galáxia.

Então, o mais surpreendente: máquinas.

"Oh!"

Aparelhos translúcidos de diferentes formatos, sem ângulos aparentes, cumpriam funções desconhecidas no permafrost, contrastando tudo aquilo que se sabia de rudimentar em suas vidas. Não, não havia nada de rudimentar naquela civilização.

Ficou claro que as suas construções piramidais na superfície não passavam de uma minúscula pontinha de iceberg. Toda uma complexa rede de cidades existia numa extensão de quilômetros sob os desertos.

Finalmente, o primeiro marciano, o que fora ferido e adentrara ao rochedo, olhou fixamente para os olhos de sonho de Douglas. Instantaneamente, todos naquela área imitaram-no. Centenas de olhos multifacetados cravados na alma do garoto.

De súbito, os minúsculos pontos de luz cresceram até tornarem-se ofuscantes.

Nesse momento, Douglas acordou sobressaltado, suado, ofegante, o coração a sair pela boca.

A noite estava cálida, quieta, tranquila, todavia, levou um tempo enorme para ele tornar a adormecer.

De uma fresta na janela, Deimos brilhava para ele entre as estrelas.

Milhares de pontos de luz cintilavam no céu, semelhantes àqueles sob a superfície.

E o sonho que não parecia sonho não o deixou dormir o resto da noite.

Na manhã seguinte, o garoto levantou atrasado para ir a escola.

"Teria acontecido?", perguntou-se Douglas, bocejando. Mas, em seu íntimo, sabia a resposta.

Na cozinha, sua mãe perguntou:

— Se eu não te chamasse, quanto tempo mais iria demorar para você despertar?

Douglas limitou-se a sorrir em desculpa. O que poderia responder? Mas, dentro de sua mente, as perguntas caóticas tinham ido embora. Pensou naquele rochedo do dia anterior e na tampa em forma de losango. De alguma maneira, seu pequeno gesto ocasionara algo, um "clique" ou coisa assim. E, incitado pela questão de sua mãe, somente uma pergunta sobrara:

Quanto tempo mais iria demorar para eles despertarem?

Pouco antes de sair de casa, escutou o pai comentar:

— Viu só, querida? Saiu no noticiário: os que sobraram na Terra planejam construir aeronaves. Querem vir para cá!

O tom de voz do pai não foi exatamente animador.

A mãe de Douglas largou o que estava fazendo.

— Os terrestres?

Houve uma pausa antes do homem retrucar.

— Claro. Quem mais seria, mulher?

— Mais gente aqui? E onde acham que irá caber todo mundo?

O pai de Douglas não respondeu.

Não, terraformizar a própria Terra nunca fora uma opção.

Douglas não contou sobre os livros de pedra, os ovos e o sonho para ninguém, nem para seus pais, nem para seus professores, muito menos para os colegas - "o bando terrível". Tampouco para a esposa quando se tornou crescido o suficiente para ter uma.

— O quê você vai fazer no meio do deserto a cada quinze dias? - ela perguntava.

— Você sabe que eu gosto de geologia. Vou pesquisar. Você iria ficar muito entediada por lá.

— Estranho. Nunca o vi trazer pedra alguma para casa.

Quando se tornou óbvio que nem todo nativo marciano fora extinto, ele não se manifestou, pois, a essa altura, sabia disso por conta própria fazia vários anos...

Sequer falou coisa alguma para os filhos e netos.

À noite, fitava preocupado o distante ponto cinzento nascer no céu rente ao horizonte.

A Terra moribunda.

Quantas vezes, em criança, não pensara nos relatos sobre o terceiro planeta, antes dele ter sido devastado? As histórias quase míticas sobre as florestas tropicais. E os oceanos a cobrir a maior parte da superfície, água e mais água a perder de vista. Seus peixes... Chuva! Água pura caindo do céu em vez de areia. Os gramados e as plantações a ondular pela força do vento. Cachoeiras. Taigas. Ilhas. O ar denso e úmido das manhãs a encher os pulmões. Vulcões ativos... Vivos! A vida pululando por toda parte. A multiplicidade de animais, os frutos... os pássaros! Mais coloridos do que o arco-íris, fosse isso o que fosse. Soava-lhe como uma espécie de paraíso, muito embora para ele, Marte fosse o seu lar, tudo o que conhecia e tudo o que acreditava amar. O Planeta Vermelho possuía o Olympus Mons, o mais alto vulcão do Sistema Solar, paraíso de vulcanologistas que alpinista algum conseguira

vencer. Não obstante, em certas noites deitado em sua cama, às vezes a Terra surgia em seu campo de visão. Então, depois de observá-la por um longo tempo, imaginava-a quando, um dia, fora bela e azul. Pensava em suas maravilhas. Em seguida, fechava os olhos e desejava ardentemente ir para lá. "Leve-me", pedia. Sonhava ser transportado através de alguma mágica para o distante planeta natal de seus antepassados, para a época em que o solo era fértil, seus mares não tinham sido envenenados e a vida era abundante e diversificada. Nessas ocasiões, teria trocado prazerosamente a impressionante visão do Olympus Mons pela simples satisfação de caminhar a beira-mar em uma tarde de chuva. Nunca acontecera.

A humanidade, por seus atos, parecia fadada a ser sempre expulsa de algum paraíso.

Em outras ocasiões, fitava aquele ponto de luz e punha-se a pensar: como ele se sentiria se uma segunda leva de invasores

— não pioneiros — saísse de lá e viesse ao Planeta Vermelho?

O quê aconteceria ao pousarem? Seriam realmente mais fortes devido a maior gravidade da Terra?

Guardariam rancor porque os descendentes das primeiras expedições eram felizes e mal mantiveram contato para saber dos problemas em seu mundo natal e tudo o que nele ainda existia?

Qual era a frase que um dos engenheiros escutara em meio à estática através de seu receptor? "Tomar o planeta a qualquer preço dos traidores"?

Aqui em Marte, a vida equilibrava-se numa linha tênue entre a sobrevivência e a extinção. O número de habitantes aumentara nas últimas décadas. Os recursos a disposição eram escassos num planeta ainda predominantemente árido. Não haveria alimentos, água potável, terreno cultivável, atmosfera para uma segunda onda migratória. Todavia, teriam os habitantes de Marte direito a opor-se à nova incursão? E, principalmente,

teriam condições para isso? A guerra cessara havia vários séculos. Sem inimigos, o armamento remanescente enferrujara, tornara-se obsoleto, transformado em objeto de decoração, monumentos ou derretido para utilizações mais práticas. Estavam impotentes.

Agora, refletiu o velho Douglas, o comentário de seu pai vinha através da ponte dos anos:

"... os que sobraram na Terra planejam construir aeronaves. Querem vir para cá!"

A construção das novas aeronaves fora concluída recentemente.

A próxima leva de imigrantes estava prestes a ser lançada.

Hipóteses iriam se tornar realidade em cerca de seis meses, tempo de Marte.

Foi a vez dos terrestres ignorarem todas as transmissões oriundas do Planeta Vermelho.

"Traidores! Traidores! Traidores!", urravam alguns de seus veículos de propaganda sem cessar.

Muitos comentavam sobre o enorme número de foguetes que iria abandonar o terceiro planeta. Muito mais do que os pioneiros da primeira caravana. Seus irmãos! Sua espécie! Os derradeiros laços da humanidade.

— Lançaram!

— O quê?

— Lançaram os foguetes!

— Credo cruz...

Apesar dos discursos demagógicos e apaziguadores dos derradeiros discípulos da doutrina, a maioria da população não comemorou. Até os professores limitaram-se nas assertivas, eles próprios semeados de incertezas por si e suas famílias. Apesar dos pesares, eles conheciam a História, a verdadeira História. Havia temor em seus olhos e tremor em suas línguas. O que poderiam esperar de um povo que idolatrava personalidades em vez de valorizar as idéias? Seus próprios antepassados haviam feito isso. Sentiram-se como — e jamais o admitiriam — os antigos marcianos deveriam ter se sentido tempos

atrás. E, no íntimo, perguntavam-se: os quatro cavaleiros da desgraça tornar-se-iam a levantar? Dessa vez o conflito seria de irmão contra irmão? Como se isso representasse alguma novidade, em vez de uma lição jamais aprendida.

Uma parcela considerável das astronaves era de natureza militar.

Dessa vez, eles — e não políticos ou cientistas — estavam no controle total da missão.

Não, a lição não deveria ser novamente ignorada, não agora, caso contrário, aquele velho chavão bem poderia tornar-se, de fato, um epitáfio.

E Douglas, agora um idoso, pensava naquele nicho no rochedo, em seu precioso conteúdo e no sonho cujos detalhes mantiveram-se nítidos em sua mente. As espinhas, havia muito, abandonaram o seu rosto, substituídas por rugas. Os cabelos espetados foram igualmente embora, porém, ao contrário das espinhas, não encontraram substituto. Não se tornara um geólogo, por mais

que amasse a matéria. Fora chamado para uma missão mais premente. Sacrificara a sua carreira na esperança de que outros pudessem seguir as deles no futuro.

Suspirou.

Seus antigos colegas de escola — "o bando terrível" — seguiram o próprio caminho.

George virara aventureiro — expressão eufemística para vagabundo — e desaparecera um dia nos desertos de Marte

Giovanni tornara-se lavrador. Casara e tivera uma porção de filhos.

Orson, o filho de pai rico, herdara as minas de ferro, porém, sem a competência deste, vira-se falido alguns anos depois.

Carl, o mais inteligente da turma, curiosamente, tornara-se geólogo.

Por uma dessas ironias da vida, Edgar, o fanfarrão, por um certo período, até tornara-se o melhor de Douglas.

Certa vez, em uma nova caça ao tesouro, Douglas casualmente encontrara um elmo. Percebera-o pelo brilho refletido em seus olhos. O garoto mais robusto,

entretanto, tivera azar e, excepcionalmente, não encontrara coisa alguma. A situação teria sido das mais humilhantes, já que os outros, bem ou mal, descobriram alguma quinquilharia. Poderia ter sido o momento de triunfo de Douglas, o Espinha, sobre o líder fanfarrão da turma. Este teria sido o "cabeça de barata". Em vez disso, Douglas pensara e decidira. Atraíra a atenção do outro e fizera parecer ter sido Edgar o autor da fantástica descoberta. Fora o momento de glória do garoto robusto diante do achado mais ambicionado. E, novamente, Douglas retornara para casa com o título ofensivo. Inesperadamente, Edgar recusara qualquer tipo de doce, alegando uma indisposição no estômago. Douglas comprara somente para os demais colegas e suportara estoicamente as gozações. No fim do dia, alguém batera a porta de sua casa, uma cabana de pedras a beira de um velho canal. Era Edgar. Este limitara-se a estender o braço e entregar um embrulho ao garoto franzino. Expressara um meio

sorriso, sem qualquer sinal de deboche e nenhuma resposta pronta na ponta da língua e fora embora. Quando abrira o pacote, Douglas descobrira, admirado: estava repleto de guloseimas. Nunca mais chamaram-no de "cabeça de barata".

Edgar mudara-se depois de formado. A última notícia sabida por Douglas fora a de que montara um comércio nas proximidades das terras escuras de Syrtis Major. Entre outros artigos, vendia doces...

Agora, velho e cansado, Douglas sorriu para si próprio ao recordar-se. Porém, o sorriso esvaiu-se depressa diante da urgência do momento. Refletiu sobre o sonho de uma criança, os túneis, os estranhos instrumentos de alta tecnologia, as cidades, o tempo que os marcianos levaram para readaptarem-se ao oxigênio e a atmosfera mais densa, conforme seus longínquos ancestrais tinham respirado.

Eles recuperaram-se e cresceram.

Não se expunham abertamente, porém, todos os humanos em Marte já tinham um vago conhecimento: as criaturas haviam hibernado, sobrevivido, mudado e, depois, reproduzido. E eram muitos. Milhares. Milhões.

Não, Douglas não se sentia um traidor por não ter avisado.

Tinha as suas próprias convicções, sempre tivera.

Chegara o dia em que compreendera a razão do pai quase haver lhe batido após tê-lo apanhado na escola. Isso fizera parte do mistério do porquê este preservara uma obra banida, potencialmente perigosa. Era para proteger o próprio filho. Amedrontá-lo, afastá-lo de tais pensamentos opostos à doutrina a ponto de não pôr em risco a própria segurança quando aquele não mais poderia protegê-lo, nem que, para isso, tivesse que sacrificar o próprio amor que sentia e o amor que o filho lhe devotara. Sim, finalmente, Douglas compreendia.

Quem sabe, um dia, a mentalidade dos humanos aqui em Marte, no planeta do deus da guerra, haveria de mudar de um modo geral, mudar de verdade, conscientemente e com consciência.

Talvez tivesse chegado a hora. Senão por vontade própria, pela necessidade.

Trégua.

Um acordo.

Deveriam as duas espécies unirem-se por um bem maior, prepararem-se juntas para a nova e, muito provavelmente inevitável contenda?

Sim, ele amava do fundo do coração o quarto planeta, Marte. E lamentara profundamente o destino de seus habitantes originais.

Marte era a sua terra. Era o seu lar.

Ele nascera ali, assim como seus pais e os pais deles. E também os seus próprios filhos e netos.

E iria defendê-la e a sua família a todo custo dos novos conquistadores.

Uma nova batalha pela soberania estava prestes a começar por

mais que ninguém ousasse admitir.

Inspirou fundo a tênue atmosfera marciana. Apanhou suas chaves e dirigiu-se para o seu veículo de areia. Passou pelo túmulo da esposa e fez uma breve reverência antes de prosseguir. Após um roncar hesitante, o carro partiu para a Planície do Redemoinho Vermelho sob o luar do Medo e do Terror, seguindo um caminho que sabia de cor e salteado. Chegara o momento para o qual Douglas se preparara durante toda a sua vida. Encontrar um verdadeiro tesouro sem valor monetário, o maior de todos: a coexistência.

Finalmente, permitiram-no adentrar ao interior das cidades sob a superfície.

Sim, ele era um autêntico patriota. Como eles o foram no passado.

E, agora, o geólogo amador iria retomar o seu verdadeiro ofício sigilosamente executado no decorrer das décadas e tentar reparar os fatos ocorridos a partir da nave HLA 10048.

Ocupava uma posição não oficial, mas de importância extrema: diplomata.

E iria discursar perante seus líderes no próprio idioma nativo o qual custara tanto a aprender.

Não deixava de ser estranho que, diante daquelas criaturas, o antigo garoto mirrado e tímido não se sentisse um pária, deslocado. Pelo contrário, era como se sempre tivesse feito parte daquele lugar, daquela época e daqueles seres.

Depois, com maior dificuldade, deveria convencer sua própria gente a abandonar uma mágoa que não era mais dela.

O termo "cabeça de barata" deveria ser abolido para sempre.

Pensou, enquanto dirigia: "A Humanidade aprenderá com seus erros porque aqueles que não aprenderem terminarão mortos. Disseram uma vez que Deus não joga dados. Dados não, mas xadrez. E a primeira leva de peões já está a caminho."

A antiga e trágica premonição contida no nome escolhido para o planeta — Marte, o deus da guerra — nunca saiu de seu pensamento. Tampouco o pesar

pelo número de vidas perdido de ambos os lados. A ignorância. A incompreensão. O preconceito. A falsa doutrina.

Talvez toda a sua vida não passasse de uma ingênua, tola e sonhadora história. A história de um menino que sempre se sentira fora de seu tempo, talvez por ter estado muito adiante dele. Mas precisava arriscar. O futuro de duas espécies dependia do resultado da sua missão.

Em breve, teriam um mundo a defender: o seu mundo.

E precisariam se unir para isso, afinal, eles eram todos... marcianos.

Era uma vez um mundo de sonho.

Construído de mitos, de falsas impressões, de fantasias deliberadas.

Um mundo do qual se escreveram inúmeras histórias.

Porém, a maior delas agora, finalmente, seria contada.

NOTA DO AUTOR

Este conto faz referência a algumas personalidades que contribuíram para trazer o Planeta Vermelho mais próximo de nós, de nossas fantasias e anseios. Provavelmente, os mais familiarizados com o tema não tiveram dificuldade em deduzir. São elas:

Giovanni Virginio Schiaparelli

Percival Lowell

Herbert George Wells

Edgar Rice Burroughs

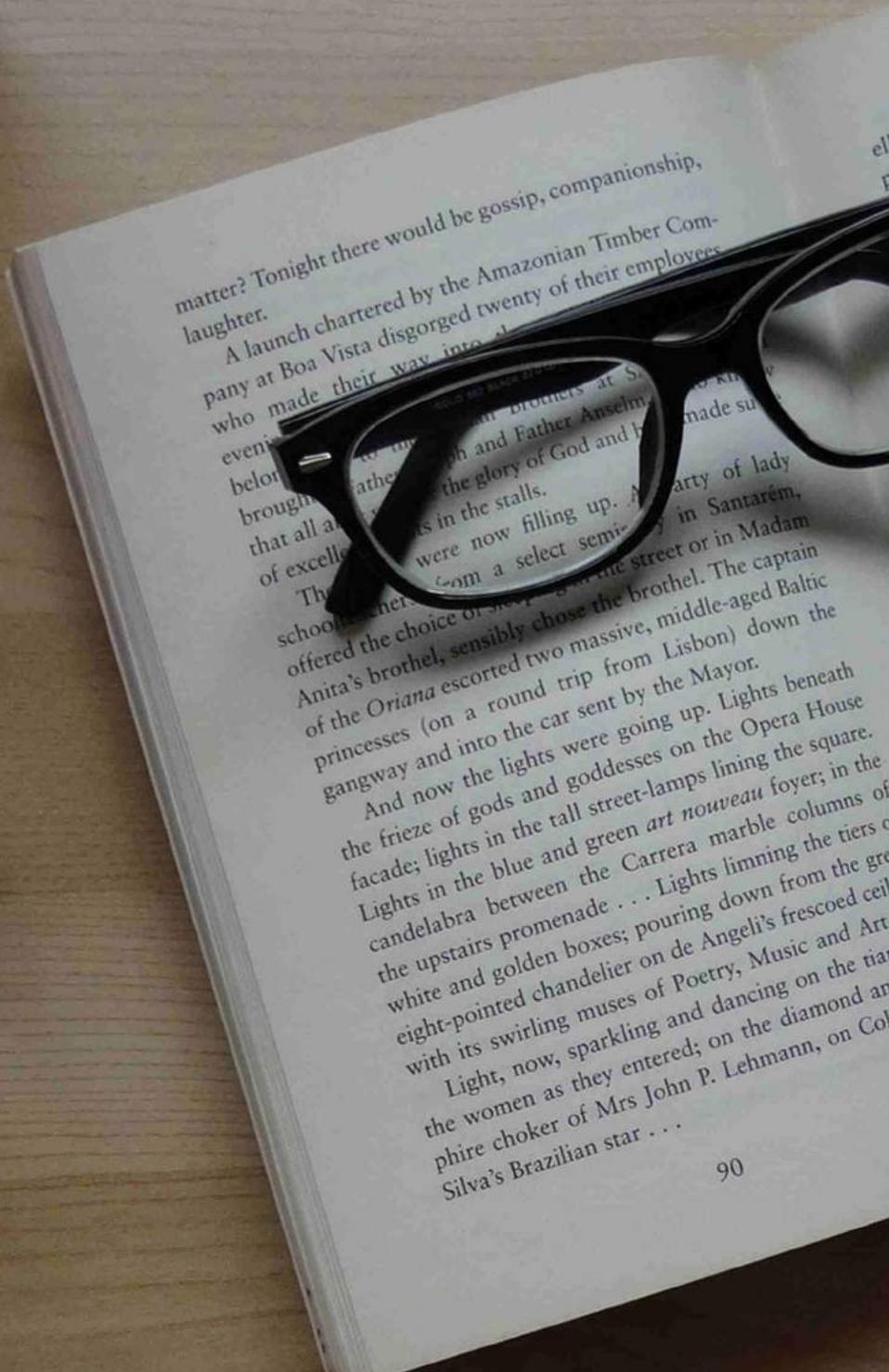
George Orson Welles

Ray Douglas Bradbury

Carl Edward Sagan

A história de Marte é a mais rica de todo o Sistema Solar. Não pelo que esse mundo tem a nos contar - E ele tem, e muito! -, mas devido as histórias que nós construímos ao seu redor. Vale a pena conhecer.

Roberto Schima nasceu na cidade de São Paulo/SP. Faz ilustrações, escreve contos, poesias e, ocasionalmente, crônicas. Vencedor do "Prêmio Jerônimo Monteiro" ("Isaac Asimov Magazine", Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio". Escreveu os livros "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "A Voz do Oceano" (noveleta), entre outros. Autor do conto "Abismo do Tempo", um dos vencedores do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista Conexão Literatura e publicado em sua edição nº 37. Informações: Google, Clube de Autores e Amazon. Contato: rschima@bol.com.br ou rschima@ig.com.br.



NÃO FIQUE DE FORA

Saiba como anunciar ou publicar
em nosso site ou próxima edição:

CLIQUE AQUI